



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

ANA SOFIA BARBOSA OLIVEIRA

Análise reflexiva sobre a Unidade Letiva 3, “A Família, Comunidade de Amor” do Programa de EMRC para o 5.º ano do 2.º ciclo do Ensino Básico e Secundário

**Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada
sob orientação de:
Prof. Doutor José Carlos da Silva Carvalho**

**Porto
2021**

A família é a fonte de toda a fraternidade,
sendo por isso mesmo também o fundamento
e o caminho primário para a paz, já que, por vocação,
deveria contagiar o mundo com o seu amor.

PAPA FRANCISCO ¹

¹ FRANCISCO, PAPA, *Mensagem do Santo Padre para a celebração do XLVII Dia Mundial da Paz 1º de janeiro de 2014*. In http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco_20131208_messaggio-xlvii-giornata-mondiale-pace-2014.html (28-12-2020)

AGRADECIMENTOS

À minha Família, o alicerce, que me ajuda cada dia a reconhecer o Amor infinito de Deus.

Ao Hugo, que sempre presente e encorajador, apoiou as minhas inseguranças, fraquezas, dúvidas e sucessos; o ser que me complementa na distinção.

Ao Henrique e à Madalena, que privei de algumas horas da minha presença, de colo e de brincadeiras;

Aos meus Pais, que são a origem da minha existência e pilar elementar da minha vida.

À minha Irmã e à Tété, que se revelaram sempre atentas e presentes desde o dia em que nasci.

Às minhas companheiras de jornada, Catarina e Célia, que também já são família (a família que escolhi).

A todos os professores, que me acompanharam neste percurso, pelas críticas construtivas que me ajudaram a ser mais e melhor.

A todos aqueles, que tornaram possível esta viagem de me tornar docente de EMRC.

INDÍCE

SIGLÁRIO	8
RESUMO/ABSTRACT	10
INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I - CONTEXTO ESCOLAR, GESTÃO DO CURRÍCULO, ORGANIZAÇÃO E GESTÃO DO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM	16
1.1. Caracterização da Turma	17
1.2. Gestão do Currículo	22
1.3. Organização e Gestão do Processo Ensino-Aprendizagem	25
1.3.1. Sequência do Processo Ensino-Aprendizagem	25
1.3.2. Recursos	26
1.3.3. Instrumentos de Avaliação	26
1.4. Atividades de Enriquecimento Curricular	28
CAPÍTULO II – UL A FAMÍLIA, COMUNIDADE DE AMOR.....	32
2.1. A Família	32
2.1.1. Visão Antropológica	32
2.1.2. Visão Sociológica.....	34
2.1.3. Visão Filo-Psicológica	37
2.1.4. Visão Bíblico-Teológica	38
2.1.5. Documentos Magisteriais desde o Concílio Vaticano II.....	40
2.2. Relevância Educativa	45
2.3. Reflexão Crítica Sobre a Gestão do Currículo.....	47
2.3.1. As Metas, os Objetivos e os Conteúdos	48
2.3.2. As Propostas Bíblicas.....	49
2.4. Proposta de Reformulação da UL – A Família, Comunidade de Amor	57
BALANÇO FINAL.....	62
BIBLIOGRAFIA.....	66
FONTES	66
ESTUDOS	68

DOCUMENTOS DO MAGISTÉRIO	73
WEBGRAFIA	75

SIGLÁRIO

SIGLÁRIO GERAL

ABD – Anchor Bible Dictionary

AE – Agrupamento de Escolas

CA – Contrato de Autonomia

CD – OLIVEIRA, Ana. Anexos do Relatório Final da Prática de Ensino
Supervisionada

Cf. – Conferir, confrontar, consultar

CIC – Catecismo da Igreja Católica

DL – Decreto-Lei

DR – Diário da República

DSP - *Dictionnaire de spiritualité: ascétique et mystique: doctrine et histoire.*

EA – Estatuto do aluno

EMRC – Educação Moral Religiosa e Católica

IBIDEM – No mesmo lugar

In - Em

LBSE – Lei de Bases do Sistema Educativo

PAA – Plano Anual de Atividades

PAE – Projeto de Ação Estratégica

PE – Projeto Educativo

PEMRC – Programa de Educação Moral Religiosa Católica

PES – Prática de Ensino Supervisionada

PPT - PowerPoints

SDEC – Secretariado Diocesano de Evangelização e Catequese

SNEC – Secretariado Nacional de Educação Cristã

TIC -Tecnologias de Informação e Comunicação

UL - Unidade Letiva

UCP – Universidade Católica Portuguesa

AL – Exortação Apostólica *Amoris laetitia*

FC – Exortação Apostólica *Familiaris Consortio*

GS – Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo *Gaudium et Spes*

LG – Constituição dogmática sobre a Igreja *Lumen Gentium*

SIGLÁRIO BÍBLICO

1Cor – 1.^a Carta de São Paulo aos Coríntios
2Cor – 2.^a Carta de São Paulo aos Coríntios
1Cr – Primeiro Livro das Crônicas
1Rs – 1.^o Livro de Reis
1Sm – 1.^o Livro de Samuel
2Sm – 2.^o Livro de Samuel
Act – Actos dos Apóstolos
AT – Antigo Testamento
Cl – Carta aos Colossenses
Dt – Deuteronómio
Ef – Carta de São Paulo aos Efésios
Ez – Ezequiel
Flm – Carta a Filémon
Gl – Carta aos Gálatas
Gn – Genesis
Jo – Evangelho segundo São João
Jr – Jeremias
Js – Livro de Josué
Jz – Juízes
Lc – Evangelho segundo São Lucas
Lv – Levítico
Mc – Evangelho segundo São Marcos
Mt – Evangelho segundo São Mateus
NT – Novo Testamento
Nm – Números
Os – Oseias
Pr – Livro dos Provérbios
Sir – Livro de Ben Sira
Sl – Livro dos Salmos
v. – Versículo
vv. – Versículos

RESUMO

O presente relatório pretende fazer uma análise reflexiva da UL3 “A Família, Comunidade de Amor” do 5.º ano de escolaridade do segundo ciclo do Ensino Básico da disciplina de EMRC, no âmbito da PES do Mestrado em Ciências Religiosas. Apresenta-se uma reflexão sobre o ser família, onde se consideram as perspetivas das várias ciências para compreender como esta foi sendo estruturada ao longo dos tempos, até atingir o significado que lhe atribuímos atualmente. Dá-se a conhecer também o grande contributo que a categoria bíblica tem na designação da considerada célula fundamental da sociedade, lugar onde o Ser Humano nasce e constrói o seu projeto de vida. Foi elaborada uma reformulação programática para a UL3 “A Família, Comunidade de Amor”, reafirmando a importância pedagógica fulcral da disciplina de EMRC na formação integral do aluno e na valorização da família alicerce da construção do seu projeto de vida.

PALAVRAS-CHAVE

Família, Famílias, EMRC, Metas, Amor

ABSTRACT

This report intends to make a reflexive analysis of UL3 “The Family, Community of Love” from the 5th year of Basic Education cycle of the discipline of EMRC, within the scope of the PES of the Master of Religious Sciences. A reflection about being a family is presented, where the perspectives of the various sciences are considered to understand how it has been structured over time, until it reaches the meaning we currently attribute to it. It also makes known the great contribution that the biblical category has in the designation of the considered fundamental cell of society, a place where the human being is born and builds his life project. A programmatic reformulation for UL3 “The Family, Community of Love” was elaborated, reaffirming the central pedagogical importance of the EMRC discipline in the integral education of the student and in the appreciation of the family, the foundation of the construction of his life project.

KEYWORDS

Family, Families, EMRC, Goals, Love

INTRODUÇÃO

O presente relatório baseia-se no trabalho desenvolvido ao longo do ano letivo 2017/2018, no âmbito da PES do Mestrado em Ciências Religiosas: Ensino de Educação Moral e Religiosa Católica no Ensino Básico e Secundário, da Faculdade de Teologia da UCP do Porto.

A PES uma viagem que se realizou no AE Júlio Dinis em Grijó e no final trouxe a habilitação para a lecionação da disciplina de EMRC, enquanto profissional de ensino. A fase inicial do processo deixou-nos algo cétricos e desanimados, mas a vontade de crescer e desenvolver capacidades pedagógico-didáticas, a consciência que o professor de EMRC «comunga do perfil comum a todos os professores»², e a expectativa e o facto de poder ser um estágio diferenciador e que contribuísse para o nosso desempenho na disciplina, fez-nos acreditar no retorno e enriquecimento enquanto professores, alunos e cidadãos. Ser professor é muito mais do que ensinar, ou melhor, do que fazer aprender, é transformar os saberes, é ter competência científica e pedagógica; capacidade física e psíquica, idoneidade cívica, é ser artista da educação.³ E o professor de EMRC vai mais além, porque se diferencia na especificidade de ser testemunha de vida à luz da mensagem cristã. É um professor diferente, que para além de fazer aprender tem de ser capaz de na sua missão confiada «“fazer ser” os alunos»⁴, tem de ser capaz de através das suas aulas levar os alunos ao desenvolvimento integral. É um processo bastante desafiador, não só pela variedade de alunos que se tem dentro da sala de aula, mas também pela especificidade da disciplina que leva o aluno, através do diálogo nivelado entre a cultura, os outros saberes e os valores cristãos, a construir de modo crítico e responsável o seu projeto de vida.

Para a realização da PES, foi-nos atribuída uma turma do 5º ano de escolaridade. Dadas as UL propostas para a disciplina de EMRC para este nível de ensino decidiu-se aprofundar a terceira unidade “A Família, Comunidade de Amor”, por ser o alicerce de todo o Ser Humano, a primeira microssociedade do Ser Humano. Ao pensarmos em família

² CEP - *Ser Professor de EMRC*. In <http://www.educris.com/v2/120-perfil/920-ser-professor-de-emrc> (22-09-2017)

³ Cf. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA, Aprovação da reorganização curricular do ensino básico, DL nº 6/2001 in DR nº 15/2001, Série I-A de 2001-01-18 - Perfil geral de desempenho profissional do educador de infância e do professor dos ensinos básico e secundário, DL nº 240/2001 de 30 de agosto in DR, Série I –A, N.º 201, 30 de agosto de 2001

⁴ OLIVEIRA, José H. Barros de; OLIVEIRA, António M. Barros de, co-aut - *Psicologia da educação escolar*. Coimbra: Almedina, 1996. 2 vol. p. 13.

assaltam-nos muitos caminhos por onde enveredar nesta viagem, já que a família se encontra na origem do Ser Humano, do mundo, de tudo. Muitas questões se levantam, mas ficamos pelo cerne da família, a felicidade. Atualmente a família vive uma crise de valores o que a distancia do Amor, deste modo como é que o ser humano alcançará a Felicidade? Questiona-se também a razão pela qual as funções desta microssociedade, a que o Ser Humano pertence sem distinção de raças ou de cultos, são tantas vezes postas em causa. A noção de família não se coaduna mais com a família dos primórdios da humanidade, porém, a família permanece e vai continuar a existir na vida de cada indivíduo, ela é o alicerce do Ser Humano. Se o alicerce falha como será que os alunos conseguirão construir a sua identidade como pessoa? Que projeto de vida construirão para se desenvolverem na sua totalidade? Essa é a proposta de caminho que tentamos implementar com a análise e reformulação desta UL: mostrar que existem várias perspetivas de família e que cada um, como ser único e irrepetível que é, deve perceber qual o seu papel e a sua importância na família, no mundo. E, conseqüentemente, escolher e construir o seu percurso de vida.

Para fundamentar as nossas tomadas decisões refletiremos sobre o ser família. Analisaremos as várias perspetivas das ciências com intuito de compreender como a família foi sendo estruturada ao longo dos tempos, até atingir o significado que lhe atribuímos atualmente. Dá-se ainda a conhecer o grande contributo que a categoria bíblico-teológica tem na designação da considerada célula fundamental da sociedade, lugar onde o ser humano nasce e constrói o seu projeto de vida. Por último, tendo em conta o enquadramento teórico desenvolvido, elaboremos uma nova abordagem pedagógica-didática da UL “A Família, Comunidade de Amor”.

O presente trabalho encontra-se dividido em dois grandes capítulos. No primeiro capítulo centrar-nos-emos, inicialmente, no contexto escolar em que estava inserida a turma A do 5.º Ano de escolaridade do 2.º ciclo do ensino básico, onde foi implementada a PES. De seguida tendo em conta o contexto escolar e a caracterização de turma, realizaremos uma gestão flexível do currículo onde apresentaremos a planificação a longo e a médio prazo utilizada na PES. Continuaremos com a organização e gestão do processo de ensino-aprendizagem, onde desenvolveremos o modo como foi implementado a sequência do processo de ensino aprendizagem ao longo da lecionação da UL, os recursos e os instrumentos de avaliação utilizados. Ultimaremos o primeiro capítulo com a mostra das atividades de enriquecimento curricular que implementámos no âmbito da UL com os alunos na comunidade escolar.

No segundo capítulo, concretizaremos a fundamentação teórica do tema em estudo, a família, tendo em conta a visão antropológica, a visão sociológica, a visão filo-psicológica, a visão bíblico-teológica de família e os documentos magisteriais desde o Concílio Vaticano II, que abordam o tema. Continuaremos mostrando a pertinência educativa da lecionação desta temática em contexto escolar, levando-nos à reflexão crítica sobre a gestão do currículo e conseqüentemente à elaboração duma proposta alternativa que se acredita mais eficaz e clara para a lecionação da UL 3 “A Família, Comunidade de Amor”.

Terminaremos este relatório com a realização de um balanço final sobre a PES que decorreu ao longo do ano letivo 2017/2018.

CAPÍTULO I - CONTEXTO ESCOLAR, GESTÃO DO CURRÍCULO, ORGANIZAÇÃO E GESTÃO DO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM

A PES implica não só a experiência de lecionação da disciplina de EMRC, mas também uma integração na realidade escolar onde esta acontece. Neste sentido, torna-se de extrema relevância que o professor de EMRC se aproprie de todos os aspetos que envolvem a função docente, não só aqueles que dizem respeito à sua disciplina ou se resumem apenas ao contexto de sala de aula, mas também a toda comunidade educativa e ao meio onde esta se insere. A elaboração da caracterização da turma, bem como a gestão do currículo, vem assim ao encontro destas competências que qualquer professor, enquanto profissional que é, deve ter. Segundo Arends, o professor, enquanto perito do ensino, deve ser eficaz na sua tarefa de educar e não se limitar a recorrer a práticas educativas baseadas unicamente na intuição, nas preferências pessoais ou na sabedoria convencional.⁵

Na organização e gestão do processo de ensino aprendizagem é necessário ter em conta o currículo prescrito. O currículo que não se resume ao programa de uma disciplina que integra um determinado ano de escolaridade, porém «é um projecto social e cultural, historicamente construído, decidido em função de uma organização, geralmente escolar, que estabelece uma fronteira de competências entre uma autoridade administrativa, a da Administração central, e uma autoridade profissional, exercida por professores e outros actores no contexto das escolas»⁶. Assim, e com vista a que os alunos adquiram saberes e aprendizagens, as decisões didáticas e pedagógicas tomadas para a lecionação, da UL 3 – “A Família, Comunidade de Amor” referente ao 5.º ano de escolaridade, foram sendo sustentadas tendo em conta não só o PEMRC como também o meio sociocultural e económico onde o AE Júlio de Dinis se insere, bem como o grupo turma e cada aluno em particular.

⁵ Cf. ARENDS, Richard I. - *Aprender a Ensinar*. Lisboa: McGraw-Hill, D.L. 2001. p. 1

⁶ PACHECO, José Augusto. - Currículo, investigação e mudança. In Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação - *A educação em Portugal (1986-2006): alguns contributos de investigação*. Lisboa: CNE, 2007. p. 67

1.1. CARATERIZAÇÃO DA TURMA

Foi de extrema importância conhecer os alunos da turma em que se trabalhou, para que o processo ensino-aprendizagem estivesse enquadrado e fosse o mais inclusivo possível. Assim, na elaboração da caracterização de turma, que se expõe de seguida, tiveram-se em conta os diversos documentos estruturantes do agrupamento de escolas onde decorreu a PES, nomeadamente o CA, o PE e o PAE, alguns documentos que dizem particularmente respeito à turma cedidos pela professora titular que orienta a nível de escola a PES, a consulta da plataforma INOVAR, bem como a análise da ficha autobiográfica⁷ preenchida individualmente pelos alunos.

Caraterizar o grupo turma implica necessariamente enquadrá-lo na escola e naturalmente no contexto socioeconómico e cultural em que o agrupamento se insere. O AE Júlio Dinis localiza-se em Grijó, uma freguesia do concelho de Vila Nova de Gaia, mas que se encontra também na periferia dos concelhos de Santa Maria da Feira e Espinho, com cerca de 10 578 habitantes em 11, 46 km².⁸ Fundado no ano letivo 2002/2003, o agrupamento é dotado de órgãos de administração e gestão autónomos sendo composto por oito estabelecimentos de ensino, designadamente a Escola Básica Asprela – Sermonde, a Escola Básica Corveiros, a Escola Básica Sto. António, a Escola Básica Loureiro, Escola Básica Murraceses, a Escola Básica Vendas e a escola sede de agrupamento - Escola Básica Júlio Dinis. É um agrupamento que recebe alunos das freguesias de Grijó/Sermonde e Seixezelo.⁹

A PES decorreu na Escola Básica Júlio Dinis sede do AE Júlio Dinis - Grijó, concretamente, na turma A do 5.º ano de escolaridade. Uma turma composta por vinte alunos, dos quais dezoito se encontram inscritos e a frequentar a disciplina de EMRC. Destes, doze são do sexo masculino e seis do sexo feminino.¹⁰ Um aluno do sexo masculino possui Necessidades Educativas Especiais e é abrangido por medidas educativas ao abrigo do DL n.º 3/2008 de 7 de janeiro com as alterações introduzidas pelo DL 21/2008 de 12 de maio, usufruindo de um Programa Educativo Individual. Contudo, na disciplina de EMRC verificou-se que não requeria adaptações curriculares, mostrando que apesar de diferente se adaptou e conseguiu alcançar os objetivos propostos pela disciplina. Aqui se corrobora a tese

⁷ Cf. Portfólio, p. 9 *in* CD

⁸ Cf. CA do Agrupamento de Escolas Júlio Dinis, 2013/2016, p. 1

⁹ Cf. PE do Agrupamento de Escolas Júlio Dinis, 2012/2015, pp. 9-11

¹⁰ Cf. Anexo 1 *in* CD

defendida por Arends, segundo a qual mesmo que não existisse legislação específica para este tipo de alunos a inclusão e integração numa turma regular é imprescindível, uma vez que os mesmos podem aprender através da observação e imitação dos colegas e no final todos os alunos saem beneficiados¹¹, pois o ser humano aprende fazendo e fazendo com os demais.

Em termos etários, a composição da turma é homogénea e dentro da normalidade para o nível de ensino em que se encontram. Os alunos apresentam idades entre os 9 e os 12 anos,¹² sendo que a sua média de idades é 10, 2 anos. Acrescenta-se o facto de cinco alunos terem tido retenções no 1.º ciclo, particularmente, quatro alunos uma retenção e um aluno duas retenções. Desta situação resulta que existam na turma dois alunos que são irmãos. Uma homogeneidade que se revela ainda noutra aspeto: o facto de toda a turma ser proveniente do mesmo estabelecimento de ensino do 1.º ciclo, designadamente a Escola Básica Loureiro, uma escola que se encontra a cerca de 1 km de distância para sul da sede de agrupamento.

Do ponto de vista de enquadramento social, o CA bem como PE do agrupamento mencionam que, as famílias que integram o agrupamento se enquadram na classe média e média baixa, existindo ainda alguns casos de pobreza extrema. Constatou-se que a população de um modo geral tem uma situação socioeconómica débil.¹³ Este cenário socioeconómico, não diverge muito quando nos debruçamos, particularmente, na turma do 5.º A, uma vez que mais de metade da turma (67%) beneficia de Apoio Social Escolar, cinco alunos estão abrangidos pelo escalão A, cinco pelo escalão B e dois pelo escalão C.¹⁴

Quanto ao nível académico, verificou-se igualmente a simplicidade e pobreza característica do meio onde o agrupamento se insere, uma vez que, analisando as habilitações académicas dos pais e encarregados de educação, apenas dois apresentam um nível de escolaridade correspondente ao ensino superior e sete um nível de escolaridade correspondente ao ensino secundário.¹⁵ Esta escolaridade reflete-se na situação profissional dos pais e encarregados de educação da turma pois o índice de desemprego é elevado. A situação de desemprego atinge o agregado familiar de dez alunos. No agregado familiar de um dos alunos, a situação de desemprego vive-se por parte de ambos os progenitores.¹⁶ No

¹¹ Cf. ARENDS, Richard I. - *Aprender a Ensinar*. Lisboa: McGraw-Hill, D.L. 2001. pp. 152 - 153

¹² Cf. Anexo 2 *in* CD

¹³ Cf. PE do Agrupamento de Escolas Júlio Dinis, 2012/2015, pp. 3-9

¹⁴ Cf. Anexo 3 *in* CD

¹⁵ Cf. Anexo 4 *in* CD

¹⁶ Cf. Anexo 5 *in* CD

entanto, esta realidade familiar não se espelha nas ambições dos alunos, que demonstram gosto pelo estudo e querer ter algumas profissões que pressupõem uma escolaridade para além da obrigatória (atriz, arquiteto, estilista, polícia, mecânico, engenheiro eletrotécnico, veterinário, médica, professora de dança, eletricista), demonstrando que querem algo de melhor para o seu futuro.

Relativamente à constituição familiar, a comunidade é constituída por «famílias nucleares compostas por pais e filhos, existindo, porém, uma percentagem considerável de famílias alargadas».¹⁷ Mais uma vez a turma em estudo não diverge neste campo: verificou-se, através da análise da ficha autobiográfica e de dados disponibilizados pela diretora de turma, que dez alunos vivem com os pais e eventuais irmãos; quatro alunos com os pais, irmãos e avós e só quatro alunos com apenas um dos progenitores (mãe) e eventuais irmãos. De ressaltar duas situações pontuais: um aluno que vive com a mãe, o padrasto e o irmão e uma aluna que vive com os pais e irmãos de acolhimento - tutores, aos quais chama de pais e assume como tal.¹⁸

No que concerne à disciplina de EMRC, estes alunos demonstram algumas expectativas e curiosidades acerca da disciplina visto serem alunos que nunca frequentaram a disciplina até então. Estas expectativas vão desde o aprender coisas novas, aprender a ser melhor pessoa, aprender mais sobre Jesus, até ao querer realizar outro tipo de atividades em sala de aula, manifestando mesmo que gostariam que estas atividades fossem mais no âmbito lúdico (jogos, teatros, experiências, visitas)¹⁹, facto que revela um grau de conhecimento reduzido dos objetivos e importância da disciplina.

Antes de iniciar a leção, ao tomar conhecimento da turma em que se iria desenvolver a PES, com base no perfil disponibilizado pela Diretora de Turma fundamentado nos processos individuais dos alunos e baseado em documentos descritivos disponibilizados pela professora do 1.º ciclo, constatou-se estar perante uma turma com alguns problemas quer de comportamento quer de aprendizagem. Todavia, a experiência vivida em contexto de sala de aula, ainda que reduzida, é de algum modo manifestamente contrária. A turma é participativa e empenhada nas atividades desenvolvidas em aula, revelando alguma vivacidade e gosto por aprender e saber mais. Não querendo com isto

¹⁷ PE do Agrupamento de Escolas Júlio Dinis, 2012/2015, p. 9

¹⁸ Cf. Anexo 6 *in* CD

¹⁹ Cf. Anexo 7 *in* CD

dizer que não haja atitudes que se consideram normais para a sua faixa etária, a pré-adolescência. Denotou-se, por exemplo, o facto de alguns alunos serem irresponsáveis no que toca a realização de tarefas extra-aula. Segundo Piaget²⁰, estamos perante o estágio das operações intelectuais concretas, onde tudo se mostra palpável, prático e perceptível e se sente a necessidade de um suporte concreto. Por isso, espera-se que com o desenrolar do ano letivo, a utilização de estratégias adequadas à sua faixa etária e tendo em conta os princípios fundamentais da teoria de Bruner²¹ para desenvolver (o conhecimento): a motivação, a estrutura, a sequência e o reforço, os alunos possam crescer e mostrar de modo significativo uma evolução também nesse sentido, uma vez que esse é um dos deveres do aluno que consta no artigo 96.º do Regulamento Interno da Escola²².

No que toca às TIC e, segundo a consulta da informação na plataforma INOVAR, ressalva-se que os alunos manifestaram não ter computador bem como acesso à internet, o que poderá manifestamente influenciar o processo de ensino-aprendizagem exigir alteração/adaptação de estratégias para que haja sucesso no processo de ensino - aprendizagem.

Quanto ao contexto social e cultural e nomeadamente o que mais gostam de fazer nos seus tempos livres, a turma revelou-se heterogénea, com diferentes áreas de interesse: brincar, ler, jogar à bola, jogar tablet, estar com os amigos, ouvir música, estudar, dormir²³. Contudo revelou também que o que gosta menos de fazer é: jogar à bola, aleijar os colegas, ser vítima de bullying, estudar, esperar, fazer a cama e visitar lojas de roupa.²⁴ Mais uma vez se manifesta o que é próprio dos pré-adolescentes: ocupar maioritariamente o tempo livre brincando.

Acrescenta-se ainda o facto dos alunos terem destacado como principais qualidades²⁵: a amizade, a simpatia, a inteligência, a vaidade, a habilidade para jogar futebol e desenhar e ainda o ser engraçado. Já como defeitos²⁶ seis elencaram a teimosia, dois a impaciência, a preguiça, e o facto de ser mandão, e os restantes o ser trapalhão, brincalhão e mandão. Apesar

²⁰ Cf. PIAGET, Jean, 1896-1980 - *Seis estudos de psicologia*. (trad.) Nina Constante Pereira. - Alfragide: Texto, 2010. p. 16

²¹ Cf. SPRINTHALL, Norman A.; SPRINTHALL, Richard C., co-aut. - *Psicologia educacional: uma abordagem desenvolvimentista*. Lisboa: McGraw-Hill, 1994. pp. 238-242.

²² Cf. Regulamento Interno do Agrupamento de Escolas Júlio Dinis, p. 32

²³ Cf. Anexo 8 in CD

²⁴ Cf. Anexo 9 in CD

²⁵ Cf. Anexo 10 in CD

²⁶ Cf. Anexo 11 in CD

de esclarecidos acerca do significado das palavras ‘qualidade’ e ‘defeito’, no momento de preenchimento da ficha autobiográfica, as suas respostas reforçam a falta de conhecimento dos alunos em algumas áreas de saber, o que aviva a informação disponibilizada acerca das dificuldades de aprendizagem pela professora do 1.º Ciclo.

Todo o conhecimento que se possa ter da caracterização da turma vai, com certeza, permitir que se possa intervir de modo mais adequado, atendendo não só ao nível da compreensão das atitudes, preocupações e motivações dos alunos, mas também às necessidades específicas de cada um, de forma a possibilitar a utilização de estratégias que permitam tratar todos os alunos com equidade, levando-os a atingir o sucesso nas aprendizagens. «Um dos maiores desafios que se colocam ao professor (...) é o de aprender a compreender as situações específicas e agir (...) através da reflexão»²⁷, porque o papel do professor é fazer aprender, com diferentes metodologias, técnicas, mas também estimulando e coordenando para abrir perspectivas. Assim no decorrer da PES, tendo em vista uma pedagogia diferenciada, adaptada às necessidades educativas e às características de cada aluno, e proporcionando umas vezes a estimulação dos alunos, outras gerindo as suas participações, recorreu-se a atividades e materiais diversificados: a excertos de filmes e vídeos, apresentações powerpoint, trabalhos de pares e de grupo, exploração de textos e de imagens, realização de experiências entre outros levando-os a participar no processo de ensino-aprendizagem com sucesso, nunca esquecendo os horizontes dos temas em estudo bem como o currículo definido e as metas. É preciso adequar para «ampliar e melhorar, não para restringir ou empobrecer a aprendizagem.»²⁸, pois só deste modo será possível o aluno caminhar rumo à sua educação integral. É perceptível através deste estudo que as aplicações pedagógico-didáticas com vista a trabalho extra-aula não podem ser definidas com recurso às TIC, pelo facto de a maioria dos alunos não terem esse acesso em casa.

Relativamente às UL 2 e UL 3, dada a sua alteração relativamente à ordem proposta pelo programa e aos conteúdos programáticos, cuja justificação se dará no próximo capítulo, tentou-se simplificar, adaptar objetivos e conteúdos para que os mesmos não se mostrassem desenquadrados no tempo litúrgico, apesar da identidade de EMRC passar por uma distinção clara entre a disciplina e a catequese. A disciplina é da escola, a catequese é da pastoral da

²⁷ ARENDS, Richard I. - *Aprender a Ensinar*. p. 41

²⁸ ROLDÃO, Maria do Céu - *Gestão curricular: fundamentos e práticas*. Lisboa: Ministério da Educação, 1999. p. 54

Igreja. Inserir a mensagem cristã na escola é prescrever, quando muito o que fazemos é clarificar valores, dizemos o que são, explicando com racionalidade, não com moralismo. É importante salientar as características familiares do grupo-turma, o facto dos alunos serem oriundos de famílias de diversas tipologias, famílias nucleares, famílias alargadas, famílias monoparentais e famílias de acolhimento, foi ponto de partida para a leccionação da UL 3 – “A Família, Comunidade de Amor”.

1.2. GESTÃO DO CURRÍCULO

Após a escolha da escola para a realização da PES, foi atribuído um nível de ensino para a sua realização. Surge deste modo a primeira questão: como realizar esta PES. Tendo em conta que o currículo de qualquer disciplina deve ser adaptado aos variados contextos, conclui-se que este é um processo que exige «um planeamento estratégico que não se compadece com formas simplistas de antever sequências de atividades a realizar pelos alunos. Pelo contrário, requer uma conceção finalizada e orientadora e também flexível e aberta»²⁹. E o caso da disciplina de EMRC não é exceção, o próprio programa, definido pelo SNEC, assim o exige quando menciona «a planificação cuidada das aulas evita uma prática de ensino entregue ao acaso, que é sempre improdutivo»³⁰.

Analisando e refletindo acerca das temáticas previstas para este nível de ensino, designadamente, as UL “Viver Juntos”; “Advento e Natal”; “A Família, Comunidade de Amor” e “Construir a Fraternidade”, e, conseqüentemente, o seu aprofundamento quer a nível bíblico-teológico, antropológico e moral com vista à elaboração final do relatório da PES, suscitou especial interesse a UL 3 – “A Família, Comunidade de Amor”. Não só porque foi, é e será um tema com que sempre nos identificamos, mas também um tema cada vez mais debatido na sociedade atual. O ideal de família não é mais o mesmo³¹ e toma contornos

²⁹ ROLDÃO, Maria do Céu [et al.] - *Planeamento e conceção da acção de ensinar*. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2010, p. 18.

³⁰ CEP, Programa de Educação Moral e Religiosa Católica: finalidades, metas, objectivos e conteúdos. Lisboa: SNEC, 2014, p. 159.

³¹ Cf. *Jovens madeirenses dizem que não há modelo de família ideal e destacam que o importante é haver amor, harmonia e afectos*. Diário de Notícias Madeira. <http://www.dnoticias.pt/madeira/jovens-madeirenses-dizem-que-nao-ha-modelo-de-familia-ideal-e-destacam-que-o-importante-e-haver-amor-harmonia-e-afectos-NB1388681> (14-10-2017)

que é importante questionar, investigar e aprofundar, sempre à luz daquilo que é proposto pelo programa da disciplina e também tendo presente que a disciplina é de confessionalidade cristã, particularmente Católica.

Seguindo esta orientação e respeitando a caracterização da turma elaborada no capítulo anterior, apresentou-se este processo de «planeamento estratégico»³² através de uma planificação anual³³ e uma planificação a médio prazo³⁴. Salvaguardando-se ainda que a planificação elaborada e apresentada aquando a planificação a curto prazo, aula a aula, foi sendo sujeita a alterações durante o processo de ensino-aprendizagem, fruto de reflexão e avaliação tendo sempre em vista a aprendizagem dos alunos. Para se potenciar a verdadeira aprendizagem nas escolas de hoje, mais concretamente na disciplina de EMRC, na turma A da escola onde decorre a PES, teve de se realizar no decorrer da prática letiva uma constante reflexão, avaliação e adaptação. «Os professores têm de avaliar e adaptar o currículo, a instrução e as escolas, de forma a manter o duplo objetivo de valorizar e desafiar todos os seus alunos.»³⁵

Posteriormente à escolha da UL a integrar e a refletir no relatório final, e dados os prazos a cumprir, nomeadamente a obrigatoriedade de lecionação da mesma no primeiro período e ainda a situação pessoal, bem como a da colega do núcleo de estágio, existiu a necessidade de realizar alterações, adaptações à ordem sugerida pelo programa e aos conteúdos programáticos do 5.º ano, mostrando mais uma vez que este pode e deve ser flexível e aberto.

Ao longo do ano letivo para a disciplina de EMRC estavam previstas trinta e três aulas a lecionar, as quais se subdividiram da seguinte forma: treze para o primeiro período, dez para o segundo período e dez para o terceiro período. Concluiu-se então que uma das possíveis formas de organização, apesar de se ter consciência que poderia não ser a mais indicada, mas sim aquela que melhor se adequou à situação, era tal como a que se apresenta. Iniciou-se a lecionação pela unidade letiva “Viver Juntos”, após a lecionação das aulas de acolhimento, prosseguiu-se com a unidade “A Família, Comunidade de Amor”, de seguida “Advento e Natal” e terminou-se com a UL 4 – “Construir a Fraternidade”.

³² ROLDÃO, Maria do Céu [et al.] - Planeamento e concepção da acção de ensinar, p. 18.

³³ Cf. Anexo 12 *in* CD.

³⁴ Cf. Anexo 13 *in* CD

³⁵ ARENDS, Richard I. - *Aprender a Ensinar*. p. 175

Assim, tal como referido anteriormente, dedicou-se as duas primeiras aulas do ano letivo para apresentação e conhecimento dos alunos, das professoras e da disciplina em geral. Seguidamente previram-se seis aulas para a leção: da UL 1 - “Viver Juntos”, da UL 3 - “A Família, Comunidade de Amor” e da UL 2 - “Advento e Natal”, prevendo ainda terminar a leção da UL 4 - “Construir a Fraternidade” com dez aulas. Importa ainda referir que a unidade a aprofundar para o relatório final (UL 3) foi prevista ser lecionada de modo repartido, duas aulas no primeiro período e as restantes quatro aulas no início do segundo período. Por fim, no terceiro período, lecionou-se a UL 4 tal como se pode constatar pela visualização das planificações a longo e a médio prazo.³⁶

E como «planear não pode ficar apenas pelo nível das intenções, é necessário depois operacionalizar essa estratégia de forma detalhada, prevendo técnicas e procedimentos a utilizar, sequências de actividades estrategicamente organizadas e formas de avaliação pertinentes»³⁷, teve-se em conta que a leção da UL 2 – “Advento e Natal” iria ser lecionada desfasadamente do tempo litúrgico em que se enquadra. Neste sentido, foram essenciais algumas adaptações para que este tema não surgisse desfasado no tempo e fora de contexto, uma vez que iríamos falar dele justamente no tempo litúrgico da quaresma e ainda pelo simples facto de a comunidade escolar ser um meio onde existe ligação entre a comunidade escolar e a comunidade paroquial. Contudo, pretendeu-se ao longo da sua leção apresentá-lo como uma contextualização histórica, social, cultural e religiosa de modo a realizar a ponte entre o “Advento e Natal” com o Evento de Cristo – Páscoa dos Cristãos, uma vez que se aborda o primeiro devido à existência do segundo³⁸. Todas estas alterações foram realizadas tendo em conta o programa do 5.º ano para a disciplina de EMRC, ressaltando a sua identidade e não esquecendo que «o planeamento não é uma mera técnica de definição e organização das actividades e tarefas que levam à consecução de um objectivo na exploração de um conteúdo. Corresponde antes a um processo decisional fundamentado que implica uma conceção estratégica global da ação pedagógica, a qual é depois operacionalizada de forma mais precisa e detalhada»³⁹.

³⁶ Cf. Anexo 13 *in* CD

³⁷ ROLDÃO, Maria do Céu [et al.] - Planeamento e concepção da acção de ensinar. p. 7.

³⁸ Como se pode verificar nas planificações a longo e médio prazo.

³⁹ ROLDÃO, Maria do Céu [et al.] - Planeamento e concepção da acção de ensinar, p. 19.

1.3. ORGANIZAÇÃO E GESTÃO DO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM

Neste sub-capítulo, abordaremos o modo como se organizou e geriu o processo de ensino-aprendizagem ao longo da lecionação da UL 3 – “A Família, Comunidade de Amor”. Iniciaremos por realizar uma apresentação da sequência do processo de ensino-aprendizagem levada a cabo neste processo, seguidamente teremos presente os recursos utilizados de modo estratégico para facilitar a aprendizagem e terminaremos com a exposição dos instrumentos de avaliação utilizados no âmbito da PES, pois «a capacidade de avaliar processos capacita, além disso, o professor(a) de mecanismos para ser realmente construtor do seu trabalho e sentir-se protagonista do mesmo e do seu aperfeiçoamento: sabendo como avaliar o trabalho que faz ele terá em suas mãos os dados necessários para saber quais são os pontos fortes e os pontos fracos do mesmo.»⁴⁰

1.3.1. Sequência do Processo Ensino-Aprendizagem

A sequência do processo ensino-aprendizagem da UL implementado, como mencionado no capítulo anterior e exposto na planificação anual, sofreu alterações em relação à ordem pela qual as UL se apresentam no PEMRC para o 5.º ano de escolaridade. Assim sendo, existiu a necessidade de ajustes não só na UL3, que se aprofunda ao longo deste relatório, mas em todas as UL tendo em conta o contexto em que se lecionaram.

O desenvolvimento da UL3 – “A Família, Comunidade de Amor” decorreu ao longo de sete aulas, distribuídas pelo final do primeiro período e o início do segundo. As três primeiras aulas foram lecionadas no final do primeiro período, do ano letivo 2017/2018 sendo que na última aula do período se realizou também a auto e heteroavaliação. No início do segundo período foram lecionadas as restantes quatro aulas e a última foi dedicada à consolidação de aprendizagens e à avaliação sistematizada e formalizada. A planificação aula a aula⁴¹ relativa à UL procurou ser elaborada com rigor tendo em conta metas, objetivos, conteúdos, estratégias e ainda o público a que se destinava. Sempre que possível, na elaboração das planificações utilizou-se o método existencial e hermenêutico sendo estas

⁴⁰ ZABALZA, Miguel A. - *Qualidade em educação infantil*. Porto Alegre: Artmed, 1998, p. 16.

⁴¹ Cf. Anexo Planificações da UL3: A Família, Comunidade de Amor *in* CD.

retificadas, readaptadas algumas vezes antes mesmo da sua implementação, fruto do caminho que se percorria. Outras das vezes foram necessárias adaptações em sala de aula, porque o ato de planificar não é estanque e os alunos “influenciam” o decorrer da aula. Desta forma uma planificação tem de ser «flexível e aberta»⁴² à mudança para que no final do processo do ensino-aprendizagem se possa «fazer aprender alguma coisa a alguém»⁴³, isto é, chegar à diversidade de alunos da turma A, aproveitando as suas aptidões e motivações.

1.3.2. Recursos

A lecionação exige tomadas de decisões e, conseqüentemente, uma conceção estratégica, com intuito de envolver e cativar os alunos no processo de ensino-aprendizagem. Foi através desta conceção estratégica diversificada e com vista à eficácia e qualidade da sua implementação, para atingir os objetivos definidos aula a aula, que se pautou o desenvolvimento da UL3. Tomaram-se «decisões mais concretas e instrumentais, relativas a técnicas de ensino, actividades, tarefas e recursos»⁴⁴. Nessa diversificação estratégica utilizaram-se como recursos: o quadro branco da sala de aula, o marcador azul ou preto, o livro do aluno - *Conta Comigo!*, o caderno diário, material de escrita, computador, projetor, puzzles, imagens, o livro “Álbum de Famílias”⁴⁵, entre outros⁴⁶. Como estratégias didáticas foram utilizados debates exploratórios, diálogos, registo de sínteses, apresentações em PowerPoint⁴⁷, visualização de pequenos vídeos, trabalhos de grupo e de pares.

1.3.3. Instrumentos de Avaliação

Ao longo da PES procedeu-se de modo constante à avaliação, recorrendo a diferentes momentos de avaliação, bem como a instrumentos diversificados que possibilitaram a

⁴² ROLDÃO, Maria do Céu [et al.] - Planeamento e concepção da acção de ensinar, p. 18.

⁴³ ROLDÃO, Maria do Céu - Função docente: natureza e construção do conhecimento profissional. *Revista Brasileira de Educação* 12/34 (2007) p. 94

⁴⁴ ROLDÃO, Maria do Céu [et al.] - Planeamento e concepção da acção de ensinar, p. 25.

⁴⁵ Cf. Anexo Materiais UL3: A Família, Comunidade de Amor in CD.

⁴⁶ Cf. Anexo Materiais UL3: A Família, Comunidade de Amor in CD.

⁴⁷ Cf. Anexo PPT UL 3: A Família, Comunidade de Amor in CD.

“classificação” dos saberes dos alunos, porque «avaliação pode ser mais ou menos consciente e fundamentada, mas sem ela não é possível avançar para a situação seguinte. O modo como o professor planeia a acção, age e avalia essa acção reflecte uma determinada percepção do real e um modo particular de conceber a sua intervenção.»⁴⁸ Neste processo de avaliação que ajuda à formação do aluno, tiveram-se em conta os critérios de avaliação específicos para a disciplina de EMRC⁴⁹ da escola cooperante – AE Júlio Dinis.

No âmbito da UL3 tentou-se mobilizar, coordenar e dirigir um conjunto de elementos, para que as aprendizagens fossem significativas, recorrendo à avaliação informal e formal através de grelhas de observação direta⁵⁰, grelha de autoavaliação⁵¹, grelhas de avaliação intercalar⁵² e de final de período⁵³. Criou-se ainda como forma de avaliação um esquema/síntese da família⁵⁴ e um desafio de avaliação⁵⁵ sobre a importância da Família de cada um, para facilitar a consolidação dos conhecimentos adquiridos no decorrer da UL3. Elaborou-se ainda uma matriz⁵⁶ síntese de avaliação e uma grelha⁵⁷ de correção do esquema/síntese sobre a família.

Em todos os momentos de avaliação valorizou-se o diálogo aluno-professor e, sempre que possível, recorreu-se ao feedback e remediação das temáticas menos consolidadas, nomeadamente a correção do esquema/síntese da família, com intuito de levar os alunos a colmatar as lacunas evidenciadas e a atingir sucesso, pois «Quando os alunos usam o feedback do professor para aprender a fazer autoavaliação e para definir objetivos, aumentam as possibilidades de apropriação do seu próprio sucesso.»⁵⁸

⁴⁸ ROLDÃO, Maria do Céu [et al.] - Planeamento e concepção da acção de ensinar, p. 20.

⁴⁹ Cf. Portfólio, p. 22 *in* CD

⁵⁰ Cf. Portfólio, p. 146, 149 *in* CD

⁵¹ Cf. Portfólio, p. 134 *in* CD

⁵² Cf. Portfólio, p. 141, 150 *in* CD

⁵³ Cf. Portfólio, p. 141, 150 *in* CD

⁵⁴ Cf. Anexo Avaliação UL3: A Família, Comunidade de Amor *in* CD.

⁵⁵ Cf. Anexo Avaliação UL3: A Família, Comunidade de Amor *in* CD.

⁵⁶ Cf. Anexo Materiais UL3: A Família, Comunidade de Amor *in* CD.

⁵⁷ Cf. Anexo Materiais UL3: A Família, Comunidade de Amor *in* CD.

⁵⁸ LOPES, José; SILVA, Helena Santos, CO-AUT. - *50 técnicas de avaliação formativa*. Lisboa: Lidel, cop. 2012. p. 17

1.4. ATIVIDADES DE ENRIQUECIMENTO CURRICULAR

No decorrer da PES em contexto escolar foi proposto aos estagiários que desenvolvessem uma atividade no âmbito da disciplina de EMRC que integrasse o PAA, isto é, estes teriam de propor ou colaborar na preparação, organização e realização de uma atividade constante do PAA em articulação com o orientador cooperante.

Neste sentido, e como espelhado no portfólio⁵⁹ desenvolveu-se um trabalho colaborativo, entre pares, em que se colaborou nas seguintes atividades: Dia Mundial da Alimentação, 16 de outubro, e o Dia Internacional dos Direitos Humanos, dia 10 de dezembro, no âmbito das UL 4 – Ecologia e Valores e UL 1 – O Amor Humano, respetivamente, relativas ao 8.º ano de escolaridade. Organizaram-se ainda, as atividades: Exposição de Presépios e a Exposição do Dia Internacional da Família no âmbito da UL 3 – A Família, Comunidade de Amor, do 5.º ano de escolaridade. Neste relatório apenas se abordaram as duas últimas, uma vez que foram estas as atividades que se orientaram e aquelas que têm pertinência para o tema em causa “A Família, Comunidade de Amor”.

A atividade Exposição de Presépios⁶⁰, desenvolvida e prevista no PAA para a toda comunidade escolar da Escola Básica Júlio Dinis, teve a colaboração da orientadora cooperante Elisa Tavares, bem como da colega de grupo de estágio Catarina Oliveira. Os alunos do 5.º Ano, de modo particular, foram sensibilizados, mais concretamente os alunos do 5.º A, para a elaboração de um presépio como representação de uma tipologia de família concreta: a família de Nazaré. A exposição teve como principais objetivos levar os alunos e seus familiares a redescobrirem a origem e o sentido profundo do Natal, valorizar as tradições populares, culturais e religiosas, promover os laços familiares, de amizade, confraternização e desenvolver a criatividade e a imaginação. A mesma decorreu durante o mês de dezembro e durante os primeiros dias do mês de janeiro, de modo a que também os pais pudessem visitar a exposição, aquando as reuniões de encarregados de educação de entrega de notas, no início do segundo período. Houve um grande empenho da parte de todos aqueles que participaram tendo sido produzidas verdadeiras obras de arte. O resultado foi bastante positivo uma vez que existiu o envolvimento de várias turmas e de alguns elementos

⁵⁹ Cf. Portfólio *in* CD

⁶⁰ Cf. Descrição pormenorizada da atividade “Exposição de Presépios” - Portfólio pp. 137 – 142 *in* CD

da comunidade escolar. Considerou-se que foi pena a atividade ter-se resumido apenas a uma Exposição de Presépios, em vez de um Concurso de Presépios.

Ainda no âmbito da UL “A Família, Comunidade de Amor”, procurou assinalar-se de modo diferente o Dia Internacional da Família, uma comemoração desconhecida para muitos e que se realiza, desde 1994, no dia 15 de maio. Decidiu-se a realização duma exposição de trabalhos elaborados pelos alunos do 5.º ano sobre a sua família, onde se apelava à criatividade dos alunos. A exposição decorreu na biblioteca da escola, com a qual existiu a articulação do núcleo de estágio de EMRC. A biblioteca promoveu, no seu cantinho de leitura, o Dia Internacional da Família com a proposta de leitura de obras cujo tema principal era a família. Os objetivos principais foram levar os alunos e a comunidade escolar a valorizar a importância da família, promover laços familiares, reforçar a mensagem de união, amor, respeito e compreensão necessárias para o bom relacionamento de todos os elementos que compõem a família e estimular a imaginação e a criatividade. Julgou-se que a atividade teve impacto positivo, uma vez que os trabalhos realizados demonstraram empenho não só dos alunos, mas também dos seus familiares e de alguns elementos da comunidade escolar.

Será porque apesar de EMRC ser uma disciplina facultativa, houve adesão também por parte dos alunos que não frequentaram a disciplina.

SÍNTESE

A caracterização do grupo-turma mostrou-se essencial para que o professor de EMRC pudesse ensinar e conseguisse que os alunos se encontrassem despertados a aprender. Porém a aula é um espaço onde nem tudo corre como o previsto, o planeado. Existem sempre situações imprevisíveis que necessitam de «julgamentos imediatos e in loco.»⁶¹ e é neste momento que o professor se destaca com toda a informação recolhida que lhe permite conhecer melhor o aluno e o contexto envolvente, tendo a capacidade de decidir, reformular e levar ao «desenvolvimento equilibrado de todas as dimensões do ser humano»⁶². Procurou-se também gerir o currículo do melhor modo possível e visando a aprendizagem efetiva dos

⁶¹ ARENDS, Richard I. - *Aprender a Ensinar*. p. 41

⁶² CEP, Programa de Educação Moral e Religiosa Católica: finalidades, metas, objetivos e conteúdos. p. II.

alunos, com a consciência de que o professor é apenas um mediador das decisões curriculares, isto é, na verdade as decisões dos professores apenas se limitam à divisão dos conteúdos por períodos, à planificação aula a aula e à avaliação dos alunos.⁶³

A organização e gestão do processo de ensino aprendizagem da UL, revelou-se uma mais valia para a PES, todo o caminho percorrido na elaboração das planificações, dos recursos e documentos enriquecedores bem como dos instrumentos de avaliação orientaram-se sempre de modo contínuo e dinâmico, apesar dos seus avanços e recuos. Algo que é parte integrante da própria aprendizagem, quer ao nível do aluno, quer ao nível do professor, que deve não só quantificar/classificar os conhecimentos alcançados, mas acima de tudo qualificar e refletir sobre a sua real eficácia e conseqüente sucesso, «a avaliação pode ser um caminho de aprendizagem para aqueles que a realizam e para aqueles que dela aproveitam.»⁶⁴ e sucesso dos seus alunos. O papel do professor é educar, ensinar, fazer aprender com avanços e recuos de modo diversificado e diferenciado, pois só assim a escola chegará a todos e a cada um em particular na sua formação integral como pessoa. É deste modo que «a escola estará desenvolvendo sua principal função social, que é a formação de indivíduos críticos e capazes de reconhecerem estruturas que visem dominar e perpetuar a relação de dominadores e dominados»⁶⁵ no mundo que os rodeia.

⁶³ Cf. ROLDÃO, Maria do Céu - Gestão Curricular – Fundamentos e Práticas, p. 25

⁶⁴ GUERRA, M. A. S. – *Uma seta no alvo: A avaliação como Aprendizagem*. Porto: Edições ASA, 2003, pp.34-35

⁶⁵ PINTO, Fernanda de Campos; FONSECA, Luís Eduardo Gauterio - O currículo oculto e sua importância na formação cognitiva e social do aluno. *Projeção e Docência*, 8/1, (2017). p.65.

CAPÍTULO II – UL A FAMÍLIA, COMUNIDADE DE AMOR

A família é uma realidade institucional antiga e universal que remonta à antiguidade romana, porém atual e que está em movimento e em constante análise por diversas áreas científicas, desde a psicologia, à sociologia, à economia, à teologia entre outras. Falar sobre esta instituição implica assim uma grande prudência e conhecimento, e tendo em conta as realidades vividas pelos alunos que frequentam as aulas de EMRC, tornou-se elementar uma reflexão e análise acerca deste tema. Isto porque este conceito depende das épocas e das realidades vividas. Esta fundamentação teve em conta a sociologia, a psicologia, a antropologia, a ética e a moral e ainda um estudo bíblico-teológico, uma vez que o programa da disciplina apresenta passagens bíblicas como conteúdos acerca do tema em estudo. Só deste modo será possível o professor estar preparado para levar os alunos ao conhecimento científico, mas também ao sentido religioso do ser família.

«Uma cultura não pode ser transmitida sem transmitir, ao mesmo tempo, o que constitui seu fundamento e seu núcleo mais profundo, a saber, a verdade e a dignidade, reveladas por Cristo, da vida e da pessoa humana que ele encontra em Deus. Sua origem e seu fim. Dessa maneira, os jovens descobrirão o profundo significado de sua vida e poderão preservar a esperança.»⁶⁶

2.1. A FAMÍLIA

Neste ponto iremos realizar a fundamentação acerca do tema já enunciado. Teremos presentes várias abordagens, já referidas acima e apresentamos também a perspetiva presente nos documentos magisteriais desde o Concílio Vaticano II. Terminaremos com uma síntese relativa a esta fundamentação. Todo este percurso foi realizado com o intuito de percebermos a relevância do estudo do tema da Família nas aulas de EMRC.

2.1.1. Visão Antropológica

Antropologicamente a família aparece como sendo uma necessidade derivada da dupla sexualidade do ser humano, bem como da necessidade que este tem de cuidados

⁶⁶ JOÃO PAULO II, PAPA, Discurso aos participantes no XIV Congresso Internacional do Ensino Católico (OIEC), (5 de março de 1994). In http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/es/speeches/1994/march/documents/hf_jp-ii_spe_19940305_insegnamento-cattolico.html (16-09-2018)

primários e de educação. A família nasce da relação homem e mulher, quando um deseja e acolhe o outro por amor gratuito e generoso. Dois seres distintos, mas complementares, em que a distinção leva à união, a *uma só carne* (Gn 24). «"homem e mulher" são como "lado e flanco", semelhantes na sua natureza constitutiva; e, ao mesmo tempo, são chamados a estar "lado a lado", um ao lado do outro, como ajudante e aliado.»⁶⁷. Família começa por ser homem e mulher numa relação amorosa, onde o ser em si tem em mente o outro, o seu projeto de vida, e por isso, originam a vida, procriando e educando, seres únicos e irrepetíveis. Originam família e realizam «uma totalidade em que entram todas as componentes da pessoa – apelo do corpo e do instinto, força do sentimento e da afetividade, aspiração do espírito e da vontade» (CIC 1643). É na relacionalidade que se caracteriza o conviver do ser humano, logo a família pode ser vista como grupo, como instituição, como um sector funcional diferenciado⁶⁸.

Naomi Gerstel, destaca a visão de família de George Murdock, pois após vários estudos e a análise de diferentes sociedades, ele define a família como «um grupo social caracterizado pela residência, a cooperação económica e a reprodução. Ela inclui adultos de ambos os sexos, pelo menos dois dos quais mantêm um relacionamento sexual socialmente aprovado, e um ou mais filhos, próprios ou adotivos, dos adultos que coabitam sexualmente»⁶⁹. A natureza humana mostra que cada ser humano é fruto do ato de reconhecimento da própria corporeidade entre homem e mulher e da sua união no amor. Esse amor que se reflete numa doação recíproca homem e mulher e que consequentemente passa para os filhos, «o homem amadurece na sua humanidade ao lado dos pais; precisa de ambos, da mãe de modo mais imediato e específico, do pai para desenvolver uma personalidade adequada.»⁷⁰.

Então, a família é um bem da condição humana, vista como uma instituição, onde se vivem e transmitem os valores morais primários, designadamente o sentido da verdade, o do

⁶⁷ COMISSÃO BÍBLICA PONTIFÍCIA - *O que é homem*. In http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/pcb_documents/rc_con_cfaith_doc_20190930_cosa-e-luomo_it.html n.º 156 (06-01-2021)

⁶⁸ Cf. SCHATTOVITS, Helmuth; PERKONIG, Susanne, *Família*. *Nuevo Diccionario de Moral Cristiana*. dir. de Hans Rotter, Günter Virt. Barcelona: Herder, 1993. p. 262.

⁶⁹ GERSTEL, Naomi R., *Família*. *Dicionário do pensamento social do Século XX*. Rio de Janeiro: Zahar, cop. 1996, p. 297.

⁷⁰ LOBATO, Abelardo, *Pessoa e procriação integral*. In PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A FAMÍLIA - *Léxico da família: termos ambíguos e controversos sobre família, vida e aspectos éticos*. Cascais: Principia, 2010, p. 810

respeito, o da obediência, o da honra, o da justiça e o do amor. Segundo Marciano Vidal, estes são valores base e fundamentais da família, para que, em harmonia com a sociedade civil e com o Estado, se cumpra a sua função de humanização.⁷¹ É na relação com o outro que o ser humano se humaniza, é com a família que acolhe, cria e educa no amor que se dá sentido à vida, é na família que se desenvolve a capacidade de relacionamento, a capacidade de escuta e compreensão, o respeito pelo próximo, pelas leis, pela natureza. A família é a pedra angular⁷², o lugar privilegiado à transmissão e às aprendizagens mais decisivas na construção da história do ser humano. E não esqueçamos que é basilar para a sobrevivência da espécie humana.

2.1.2. Visão Sociológica

Se a família se apresenta como uma necessidade, como algo fundamental para a definição e dignidade do ser humano como a podemos definir sociologicamente?

Tal como mencionámos anteriormente a família não é uma realidade estática ou abstrata, ela enquadra-se na sociedade e encontra-se em constante estruturação. Ela é, pois, uma entidade dinâmica e por isso a sua definição tem vindo ao longo dos tempos a sofrer alterações de acordo com a sociedade circundante e a visão daqueles que a estudam. Só a partir de meados do século XX passou a existir uma maior preocupação de análise sociológica acerca da família como realidade dinâmica, uma vez que esta se encontrava sempre associada ao casamento, quer a nível civil, quer a nível religioso. É nesta altura que se iniciam grandes transformações na família devido aos novos valores da modernidade. Segundo Granelle, o conceito de família tem vindo a sofrer alterações nas suas estruturas e funções independentemente do tipo de civilização, cultura e regimes políticos e económicos. As relações de parentesco não são mais as mesmas, não têm mais dependência hierárquica como habitualmente existia no mundo rural e antes da era industrial, quando as famílias eram numerosas em prol de uma maior mão-de-obra e de obtenção de maior fonte de rendimento,

⁷¹ Cf. VIDAL, Marciano, 1937 - *Moral de Actitudes*. Madrid: PS Editorial, D.L. 1991. Vol. 2.2: Moral del amor y de la sexualidad. p. 527-528

⁷² Cf. FISICHELLA, Rino, A família cristã e mudança cultural. In PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A FAMÍLIA - *Léxico da família: termos ambíguos e controversos sobre família, vida e aspectos éticos*. Cascais: Principia, 2010, p. 361

contrariamente às famílias que viviam em ambientes urbanos.⁷³ Este conceito segue o modo como Kathleen Gough vê a família: um par casado ou outro grupo de parentes adultos que cooperam na vida económica e na criação dos filhos, a maior parte dos quais, ou todos, residem em comum.⁷⁴ Variados e diversificados são os conceitos e formas pelas quais será possível definir e elucidar o que é ser família, mas torna-se de extrema relevância ir às origens do seu significado para se poder contextualizar melhor esta instituição social.

Remetendo para a origem da palavra família e para o seu significado etimológico, esta é de origem latina e surge precisamente na Roma antiga do vocábulo “famulus” que significa servidor. Neste sentido, a família designava o grupo de pessoas que viviam debaixo do mesmo teto, designadamente o pai de família, a mãe, os filhos, os netos, os escravos e os serviçais.⁷⁵ Com o decorrer dos tempos e a busca incessante de felicidade pessoal, constata-se que os modelos antigos de família foram sendo substituídos e a estrutura da família deixa de estar subordinada ao pai de família como sendo o chefe. Passa-se para um contexto de igualdade entre todos os membros, estando estes intimamente ligados ao matrimónio, graças à influência do Cristianismo. De acordo com Lévi-Strauss, a família é vista como um grupo social que tem três características: primeiro a sua origem no matrimónio, segundo é constituída pelo marido, a mulher os filhos nascidos dessa união e outros parentes ligados a esse núcleo e, por fim, em terceiro lugar, os membros da família estão unidos entre si através de laços de aliança, de sangue, jurídicos, económicos e religiosos e respeitam uma rede de direitos e proibições sexuais, encontrando-se vinculados por sentimentos psicológicos, como o amor, o afeto, o respeito, entre outros.⁷⁶

A visão de Lévi-Strauss torna-se numa definição um pouco redutora uma vez que não contempla as transformações atuais operadas na sociedade. Atualmente o ser família é algo complexo e compreende uma variedade também complexa de formas de família, que não têm necessariamente uma ou mais das características que se enunciaram. Elas são designadamente as famílias «nuclear, a recomposta, a monoparental, a complexa, a unipessoal, entre outras»⁷⁷. Este facto contraria também o conceito genérico de Murdock,

⁷³ GRANELLE, Jean-Jaques, Família. *Dicionário de Sociologia*. Org. Jean Gazeneuve e David Victoroff. Tradução Geminiano Cascais Franco. Lisboa/São Paulo: Verbo. 1982. p. 302

⁷⁴ Cf. LÉVI-STRAUSS, Claude - *A família como instituição*. Porto: RÉS Editora, LDA. 1977. p. 46

⁷⁵ Cf. LEANDRO, Maria Engrácia – Transformações da família na história do Ocidente. *Theologica*. 41:1 (2006). p. 52

⁷⁶ Cf. DONATI, P. P., Família. *Diccionario de sociologia*. dir. por Franco Demarchi, Aldo Ellena. Madrid: Paolinas, cop. 1986. p. 736

⁷⁷LEANDRO, Maria Engrácia – Transformações da família na história do Ocidente. p. 57

que similarmente não abrange a totalidade das famílias existentes na sociedade pós-moderna, apesar dos seus três tipos de organização familiar serem a «“unidade base” das formas familiares complexas»⁷⁸. Neste sentido, poder-se-á até mencionar que existe ou possa existir uma forma de família predominante, porém verifica-se que ao longo dos tempos existiram outras formas diversificadas de famílias, com características semelhantes, nomeadamente a partilha de habitação, a existência de laços de aliança ou até mesmo de sangue. Tendência que a partir do século XIX se vai abreviando para privilegiar a família como grupo de pessoas com laços de sangue ou aliança.⁷⁹

Se, por um lado, se esclarece que família é o conjunto de pessoas unidas por laços de consanguinidade e que coabitam, onde os membros adultos se comprometem a cuidar dos mais pequenos, por outro, esta surge também como «um grupo social onde a sua formação, a sua estrutura, as suas dimensões, as suas condições de vida e as suas necessidades, as relações entre os seus membros e os vínculos com o conjunto do corpo social, as suas funções, tudo isto varia no tempo e no espaço em ligação com os sistemas de sociedades e formas de civilização»⁸⁰.

Sociologicamente, verifica-se que não existe um conceito genérico para a família, porque na realidade não existe a família estática e solidificada no tempo e no espaço. No entanto, se assim se pode considerar, existem “as famílias” e quaisquer tentativas para as definir serão completamente redutoras. Importa é perceber o que A. Comte, citado por Maria Leandro, esclarece: que «a família, constituindo a verdadeira unidade social, é ela que educa as pessoas para a vida social».⁸¹ Apesar de ser um conceito antigo, encontra-se atual e a ter em conta, pois a família é e deve ser o gérmen de todo o Ser Humano, ela é o local onde este desenvolve a sua intimidade, o afeto e forma a sua personalidade. Em suma, a família sendo uma realidade dinâmica, em transformação e em movimento diacrónico ela é a «célula base das sociedades e o valor mais seguro»⁸² e, por isso, não se pode esquecer da sua função de educar para a vida.

⁷⁸SOUSA, Joaquim Francisco Saraiva de – A família na época da comunicação de massas: considerações dispersas sobre a família nuclear. *Humanística e Teologia*. 16 (1995) p. 109

⁷⁹Cf. LEANDRO, Maria Engrácia - *Sociologia da família nas sociedades contemporâneas*. Lisboa: Universidade Aberta, 2001. p. 59

⁸⁰ GRANELLE, Jean-Jaques, Família, p. 302

⁸¹LEANDRO, Maria Engrácia - *Sociologia da família nas sociedades contemporâneas*. p. 30

⁸² LEANDRO, Maria Engrácia – *Transformações da família na história do Ocidente*. p. 71

2.1.3. Visão Filo-Psicológica

Do ponto de vista psicológico, Chaplin define a família de três maneiras distintas, contudo todas elas têm como base a união de seres humanos: um grupo de indivíduos relacionados pelo casamento ou pelo sangue; um grupo de pessoas vivendo num único domicílio; um grupo de géneros relacionados de forma íntima que constituem uma subdivisão de uma ordem.⁸³ São simples e objetivas definições, dado que a maioria dos autores, psicólogos e psicanalistas remetem para o conceito sociológico de família e evidenciam que psicologicamente o que importa ressaltar é o estudo dos laços familiares e os problemas que daí advêm, uma vez que a família não é só o espaço onde se vive o amor e a afetividade, ela é também um espaço onde surgem conflitos e onde possivelmente se podem desenvolver problemas a todos os níveis, nomeadamente os problemas psíquicos. Quando abordam o conceito tendo em atenção a sua ciência, fazem-no tendo como base a sociedade ocidental destacando particularmente nas suas definições a importância e a função essencial da família, garantir a segurança de seus membros e a educação das crianças. Veem a família como «uma instituição social que permite um desenvolvimento pessoal correto»⁸⁴. É, pois, na família que as crianças «adquirem a linguagem, os costumes e as tradições do seu grupo. Através do jogo da imitação e da identificação com os seus pais, elas desenvolvem a sua personalidade, formam seu caráter e passam do egoísmo para o altruísmo».⁸⁵

Sendo a família vista como um meio para o desenvolvimento da pessoa, «os filhos não são concebidos como pertencentes aos pais, ao clã, ou Deus, mas como dependentes de outros para o desenvolvimento gradual de sua autonomia»⁸⁶. A afetividade é apontada assim como fator importante da coesão social. Hegel apresenta ele mesmo a família como algo próprio da mente do ser humano, sendo determinada pela unidade sentida através do amor.⁸⁷ Com o evoluir dos tempos os filósofos tomaram consciência que a família é vista como uma estrutura familiar dentro da sociedade, da pólis e com características que têm o seu fundamento na família burguesa de Napoleão, apesar de hoje em dia se encontrar desfasada e descontextualizada. Concluíram que, fruto da industrialização e da urbanização, a família

⁸³ Cf. CHAPLIN, James P., Família. *Dicionário de psicologia*. Lisboa: DOM QUIXOTE, 1981. p. 228

⁸⁴ Família. *Enciclopédia da psicologia*. Lisboa: Oceano-Liarte, D.L. 1999. Vol. 4. p. 88

⁸⁵ SILLAMY, Norbert, Família. *Dictionnaire de la psychologie*. Paris: Larousse, cop. 1965. p. 119

⁸⁶ CRAIG, Edward, Família. *Routledge encyclopedia of philosophy*. London: Routledge, 1998. p. 549

⁸⁷ Cf. GUIBERT, B. Família. *Les notions philosophiques: dictionnaire*. dir. Sylvain Aurox. Paris: PUF, cop. 1990. Vol. 1: Philosophie occidentale: A-L. – XXXII. p. 952

atualmente é vista mais como objeto de estudo das ciências sociais positivas e empíricas.⁸⁸ Porém, evidenciam que culturalmente em algumas sociedades a família continua a ser amor e conseqüentemente o local onde ele nasce e cresce entre aqueles que dela fazem parte.

2.1.4. Visão Bíblico-Teológica

A família é a primeira comunidade humana caracterizada por uma homogeneidade fundamental de ordem biológica, psicológica, afetiva e cultural. Para os cristãos este modelo familiar é revivificado pela Palavra de Deus. Esta indica um conjunto de valores em ordem aos quais todo o modelo familiar deve ser julgado, isto é avaliado. A vida familiar tal como a fé precisa de ser uma experiência de caridade.⁸⁹

A família desde sempre existiu, não no modo como a identificamos atualmente, mas desde os primórdios que se fala de família, as Escrituras demonstram isso mesmo, propondo-nos o ideal de família, a família segundo o projeto de Deus, a família das origens, isto é, a família com base no texto dos Gn 2,24 comunhão de carne e conseqüente comunhão total de projetos. Contudo, nem sempre a família foi o ideal projetado por Deus para o ser humano. O AT apresenta histórias de práticas poligâmicas e de concubinato (Gn 4; Gn 16; 2Sm 5,13; 1Rs 11,3) de famílias em rutura (Os 2), e de leis que levavam à banalização deste tipo de famílias que vão contra a lei de Moisés (Dt 24,1-4; Jr 3; Ez 16,32). Por isso, a monogamização da família de Israel demorou o seu tempo, o povo precisava de perceber qual o projeto de Deus para o ser humano e, conseqüentemente, para a família.

Olhando para o NT, este apresenta como modelo de família a família de Nazaré, onde Deus não coloca simplesmente o seu Filho a *nascer de uma mulher* (Gl 4,4), mas quis, também, que Ele tivesse uma família onde crescer *em sabedoria, estatura e graça diante de Deus e dos homens* (Lc 2,52). Porém, até mesmo Jesus algumas vezes questiona este modelo de família, por exemplo, quando aos doze anos não regressa de viagem com os seus pais e fica no templo (Lc 2, 41-52), apresentando Deus como seu Pai - Abba (Mt 23,9) que acolhe

⁸⁸ Cf. GUIBERT, B., Família. p. 953

⁸⁹ SEBASTIANI, L. Família. PACOMIO, Luciano [et al.], *Diccionario Teológico Enciclopédico*, 1995, Verbo Divino S.A. p. 297

a todos como seus filhos.⁹⁰ Ou ainda, quando pergunta aos discípulos *Quem é a minha mãe e quem são os meus irmãos?* (Mt 12,46-50; Mc 3, 31-35; Lc 2, 41-52). São Paulo, vai mais longe realizando o paralelo entre a união de marido e esposa e a união mística de Cristo e sua Igreja (Ef 5, 24-33) algo impossível de realizar na prática da poligamia que se encontrava presente nos primórdios da humanidade.

Falar de primórdios da humanidade significa falar da estrutura familiar no médio oriente antigo, onde nasceu a família de Deus, porém esta não era reconhecida como atualmente se define. A família significava uma associação de grupos domésticos. Para os Hebreus a família referia-se a significações distintas, onde se tinha em conta a identidade territorial e o património, desde Sebet - Tribo, Mishpahah – Clã, Bet-ab – Casa paterna, ou família.⁹¹ Termos esses mencionados em várias passagens bíblicas do AT (cf. 1Sm 9,21; 1Sm 10,20; Jz 6,15; Js 7,16-18; Gn 14,14-16; 1Cr 9,3-9) e que remetem para significações que nos aludem à estrutura familiar hebraica. A palavra Tribo remete para as doze tribos de Israel e, apesar de ser a «unidade primária de organização social e territorial de Israel»⁹², era a unidade de menor relevo a nível de círculos de parentesco. O Clã, algumas vezes uma subunidade de tribo, constituía na sua maioria um grupo de várias famílias, encontrando-se, também, intimamente ligado à divisão territorial de terras. A Casa paterna, conceito que mais se assemelha ao significado ocidental moderno de família, e o terceiro nível de parentesco em Israel é a unidade mais pequena de família

«a Casa paterna incluía o chefe da casa e sua esposa (ou esposas), seus filhos e suas esposas, seus netos e suas esposas, mais quaisquer filhos solteiros ou com todos os dependentes não relacionados. Dada a idade precoce do casamento, o chefe de família poderia muito bem presidir mais de três gerações abaixo da sua, apenas que sua casa seria composta por várias famílias nucleares»⁹³.

Sendo a Tribo a unidade de parentesco de menor relevo a nível de parentesco, conclui-se que é nas unidades de parentesco mais pequenas, o Clã e a Casa Paterna, que o Ser Humano forma a sua identidade e aprende a viver na sociedade como membro do povo acolhedor de Israel que crê em Deus. Assim, a base familiar da sociedade Israelita incluía obrigações a nível socioeconómico, militar, judicial e de compromisso com Yavé, pois a missão da

⁹⁰ Cf. SCHATTOVITS, Helmuth; PERKONIG, Susanne. *Família. Nuevo diccionario de moral cristiana*. dir. de Hans Rotter, Günter Virt. Barcelona: Herder, 1993. p. 263.

⁹¹ WRIGHT, C. J. H. *Family. ABD*. New York: Doubleday, 1992. Vol. 2: D-G. - XXXV. p. 761

⁹² WRIGHT, C. J. H. *Family*. p. 761

⁹³ WRIGHT, C. J. H. *Family*. p. 762

família era ser transmissor da história, fé, lei e tradições do povo. Uma vez que para os crentes a paternidade humana deriva da paternidade divina.⁹⁴

Ao olharmos para o NT deparamo-nos com designações diferentes, onde para falar de família se utilizam as palavras Pátria e Oikos que apesar de distintas seguem a linha familiar da sociedade Israelita. Pátria significa família tendo em conta a linhagem da qual a mesma provém, Jesus filho de José descendente da casa e da linhagem de David (cf. Lc 2,3-5; 3,23-38; Mt 1,1-17; Jo 1,45), e Oikos a mais usada que aponta para família como agregado familiar semelhante à Casa Paterna Israelita (cf. Mt 19, 29; Mc 3,20; 10,28-31; Lc 18,28-30). A família é ainda vista como geradora das primeiras comunidades cristãs (cf. Act 2,46; 5,42; 12,12; 16,5; 1 Cor 16,19; Cl 4, 15; Flm 2) e, por isso, vista metaforicamente como Igreja, família de Cristo, composta por várias unidades de agregados familiares.⁹⁵ E foi comparando a família ao Reino de Deus que Jesus curou e santificou a família, equiparando a santidade da família à santidade da Igreja.⁹⁶ Ele valorizou os laços familiares, mostrando a família como uma instituição não só baseada em laços de sangue, mas também na fé (Cf. Mc 3, 31-35), na solidariedade, na igualdade, no perdão, no amor que brota de Deus e torna a todos *membros da família de Deus* (Ef 2,19).

2.1.5. Documentos Magisteriais desde o Concílio Vaticano II

Tal como as ciências, a Igreja está atenta aos sinais dos tempos e suas transformações, preocupando-se com os problemas do mundo, as necessidades emergentes e urgentes, do Ser Humano. Por isso, a Igreja ao longo dos tempos tem procurado, constantemente, à luz do Evangelho, projetar caminhos e soluções, ela sente a necessidade de refletir e discutir os problemas que assolam o Ser Humano, a sociedade. A grande abertura à mudança aconteceu com Concílio Vaticano II onde a fé cristã se expressa numa linguagem mais acessível aos novos tempos e, de certo modo, se abre ao mundo em todas as áreas: na vida, na cultura, no trabalho, na política e tantas outras áreas. Neste contexto, a instituição familiar não é exceção, uma vez que é uma realidade que toca a todo o Ser Humano e é um dos bens mais preciosos da humanidade.

⁹⁴ Cf. BERNARD, Charles-A., *Famille. DSP*. Paris: Beauchesne, 1964 - vol. V p. 74

⁹⁵ Cf. WRIGHT, C. J. H. *Family* pp. 768-769

⁹⁶ Cf. KASPER, Walter, 1933 - *O Evangelho da família*. Prior Velho: Paulinas, cop. 2014. p. 27

Na Constituição Pastoral GS, variados são os modos utilizados para falar de família. Vejamos, a família é uma comunidade íntima de vida e de amor (GS 48). É pois na família que o Ser Humano nasce e constrói a sua vida, é através dos seus “olhos” que passa a conhecer o mundo e se torna plenamente humano, é através do amor que a família lhe transmite valores e virtudes, é na relação que subsiste com os outros membros da família que desenvolve o ser pessoa e aprende a viver em comunhão, porque todo e qualquer ser humano tem a sua origem na família e procura nela a sua realização, ela é insubstituível nas suas funções procriadora e personalista de comunhão (GS 24). Segundo Karol Wojtyla nenhum outro vínculo social existente, ou possível na sociedade dá este aspeto ao Ser Humano.⁹⁷ Por isso, a família é a realidade onde o ser humano se reconhece como ser único e irrepetível e sem a qual não pode viver para que consiga ser verdadeiramente pessoa. A família é a primeira comunidade onde ele se revela, é «a sociedade primária e básica do povo de Deus, que é herança e testemunho do Reino de Deus pelo simples facto da sua realidade cristã»⁹⁸. Ela nasce da «*communio personarum*»⁹⁹ entre Adão e Eva, entre homem e mulher. A família é assim um projeto comum entre homem e mulher onde se aprende «uma plena sabedoria e a harmonizar os direitos das pessoas com as outras exigências da vida social» (GS 52), ela é como menciona Marciano Vidal «a escola da sociedade e do mais rico humanismo»¹⁰⁰, é o berço do ser humano, da vida, do amor é o lugar onde se é amado por aquilo que se é, de modo gracioso, desinteressado, onde se é reconhecido na sua unicidade e singularidade.¹⁰¹ A família é o passado, o presente, o futuro, é o dia a dia que se vive em constantes mudanças.

As famílias não são mais as mesmas, isto é, a forma tradicional do passado que conhecemos está em constante mutação, talvez fruto de um individualismo/egoísmo do ser humano que desvirtua a instituição da família e aquilo que ela lhe transmite (cf. AL 32). Facto constatado, anteriormente ao CV II, pelo papa Pio XII em 1942 ao manifestar que a família já se julgava modernizada naquela época, porém ainda muito imbuída de paganismo. E atualmente a família é ainda, uma instituição ofuscada pela poligamia, pelo divórcio, pelas

⁹⁷ Cf. WOJTYLA, Karol- *El don del amor: escritos sobre la familia*. Madrid: Palabra, cop. 2000, p.267

⁹⁸ WOJTYLA, Karol - *El don del amor: escritos sobre la familia*. p. 285

⁹⁹ WOJTYLA, Karol - *El don del amor: escritos sobre la familia*. p. 242

¹⁰⁰ VIDAL, Marciano, 1937 - *Moral de Actitudes*. p. 552

¹⁰¹ Cf. VIEIRA, Domingos Lourenço - A família é um bem para a sociedade. *Brotéria: Cristianismo e Cultura*. 179 (2014). p. 152

deformações do chamado amor livre. Nunca esquecendo que estamos perante um mundo individualista, que caminha contrariamente ao bem comum e à solidariedade.

Apesar de a humanidade caminhar cada vez mais na procura da “civilização do amor” e o Ser Humano se ter afastado de Deus e ter-se tornado num ser “arreligioso”, ele continua à procura de algo que o satisfaça, sente desejo de algo mais, procura a sua felicidade em tudo o que o rodeia e dificilmente a encontra, porque sem saber e sem querer caminha constantemente na procura Deus. Marciano Vidal corrobora isso mesmo quando menciona que «frente à sociedade atual existe uma nova fronteira ética para a família, estando perante sistemas éticos deformados e deformantes a proposta válida para orientar o futuro ético da família passa por ter uma consciência de solidariedade não só no pequeno lar mas também na sociedade que se insere»¹⁰², o pequeno lar, «o lugar natural e instrumento mais eficaz de humanização e de personalização da sociedade» (FC 43), o primeiro lugar do ser em relação com o outro, a mais pequena célula da sociedade, aquela que dá afeto e atenção necessária ao ser humano¹⁰³ - a Família.

Como vimos anteriormente, o ideal de família, a família cristã, a família como projeto de Deus (cf. Gn 1, 26-28) difere da realidade cultural atual onde continuam a existir as formas de família: «nuclear ou alargada, monogâmica ou poligâmica de cariz matrilinear ou patrilinear, formadas por consentimento livre ou por contrato entre as partes, etc.»¹⁰⁴, mas também existem outros contextos familiares, tais como as famílias monoparentais que muitas vezes derivam do divórcio generalizado, os recasados ou famílias reconstruídas, as famílias constituídas por pessoas do mesmo sexo as denominadas famílias «arco-íris»¹⁰⁵. Contudo, a Igreja tem consciência que não deve extinguir/excluir estas famílias, pois corre o risco de eliminar essas famílias da sua presença na Igreja. De acordo com o Papa Francisco e Walter Kasper, é preciso ter em conta a esperança e a misericórdia de Deus, porque «a Igreja deve acompanhar com atenção e cuidado os seus filhos mais frágeis, marcados pelo amor ferido e confuso, restituindo-lhes confiança e esperança como a luz do farol de um porto ou de uma tocha levada ao povo para iluminar quantos perderam a rota ou se encontram no meio da tempestade» (AL 291). Por muito baixo que o Homem desça merece sempre o

¹⁰² VIDAL, Marciano, 1937 - *Moral de Actitudes*. p. 555

¹⁰³ Cf. VIEIRA, Domingos Lourenço - *A família é um bem para a sociedade*. p. 148

¹⁰⁴ NUNES, José da Silva – *Teologia da Família*. In PINTO, Helena Rebelo; SARDICA, José Miguel, dir. - *Família: Essência e multidisciplinariedade*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2016. p. 59

¹⁰⁵ ILGA, Famílias arco – íris. In <https://familias.ilga-portugal.pt/about> (11-01-2020)

perdão e a misericórdia de Deus, e por muito que a Igreja defenda a família dita tradicional, ela «conhece a importância da instituição e procura defendê-la, mostrando também o sentido desta instituição, descobrindo o que a estabelece, o que a anima, o que a orienta, nomeadamente: o verdadeiro amor, fundado na essência do homem e da mulher criados à imagem de Deus, manifestada e completada na pessoa de Cristo.»¹⁰⁶, neste sentido a Igreja está aberta aos sinais dos tempos e na tentativa constante de renovação, porque «tem a obrigação de renovar-se na força do Espírito»¹⁰⁷, uma vez que nenhuma forma de família é atualmente universal «se devemos esperar uma abordagem única para responder a todas essas questões é discutível, especialmente em culturas para as quais a família já não se refere a uma norma única, bem definida e amplamente aceite. A diversidade das famílias, bem como a complexidade de cada família, pode exigir uma pluralidade de abordagens».¹⁰⁸ Uma complexidade e pluralidade que também é reflexo da vivência atual das questões relacionadas com a ideologia de género, onde não é tida em conta a condição natural do ser humano, um ser biológico que só é Ser nas suas diferenças que se complementam na dimensão homem e mulher. Uma ideologia que

«nega a diferença e a reciprocidade natural de homem e mulher. Prevê uma sociedade sem diferenças de sexo, e esvazia a base antropológica da família. Esta ideologia leva a projectos educativos e directrizes legislativas que promovem uma identidade pessoal e uma intimidade afectiva radicalmente desvinculadas da diversidade biológica entre homem e mulher. A identidade humana é determinada por uma opção individualista, que também muda com o tempo». Preocupa o facto de algumas ideologias deste tipo, que pretendem dar resposta a certas aspirações por vezes compreensíveis, procurarem impor-se como pensamento único que determina até mesmo a educação das crianças. É preciso não esquecer que «sexo biológico (sex) e função sociocultural do sexo (gender) podem-se distinguir, mas não separar» (AL 56).

Porque separar sex e gender traz consequências que não são do âmbito da diferença sexual masculino e feminino, mas sim das orientações sexuais que colocam em causa a dignidade do ser humano e a identidade pessoal. «O gender depende da atitude subjetiva da pessoa, que pode escolher um género que não corresponde à sua sexualidade biológica e, portanto, com o modo como os outros o consideram (transgender).»¹⁰⁹, sendo que alma e corpo são indissociáveis e caminham para o outro que lhe é complementar na distinção. Ao

¹⁰⁶ VIEIRA, Domingos Lourenço - A família é um bem para a sociedade. p. 136

¹⁰⁷ IGREJA CATÓLICA. Concílio do Vaticano, 2, 1962-1965 - *Concílio ecuménico Vaticano II, Documentos Conciliares: Constituições, Decretos, Declarações*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1998, anotação introdutória da constituição dogmática LG.

¹⁰⁸ CRAIG, Edward, Família. p. 551

¹⁰⁹ CONGREGAÇÃO PARA EDUCAÇÃO CATÓLICA, *Homem e Mulher os Criou*. Cidade do Vaticano: Tipografia Vaticana, 2019, p. 8

caminharmos para a separação do corpo e da alma, estamos a excluir a dignidade humana bem como o ato procriativo por amor, esvaziando-se assim «a base antropológica da família»¹¹⁰. Contudo, e como já espelhado não se pode colocar de lado, fazer juízos de valor, nem criticar esta condição há que abrir-se à modernidade e fazer uma releitura ética da homossexualidade tendo por base a fé cristã, nunca esquecendo a misericórdia e o Amor de Deus para com o Ser Humano, Jesus mostra como o fazer (Cf. Mt 7,1; Lc 6,36). É necessário que a Igreja seja evangelizadora, que seja capaz de mostrar o caminho para Deus, a sua pedagogia Divina. Só assim os defensores destas ideologias serão capazes de aceitar e respeitar a sua humanidade, tal como Deus a criou, não podendo manipular o corpo em função da sua vontade, dos seus prazeres e simplesmente, quererem formar família ou equipararem-se a famílias fundadas com base no matrimónio (Cf. AL 52). Porque o matrimónio à luz da igreja é uma comunhão permanente entre homem e mulher, é um sacramento, é uma vocação de vida ao outro e é através dele que o Amor se torna fecundo, «uma criança nasce na concordância dos sentimentos dos pais e na convergência das suas intenções e é aí que ganha acesso ao significado da existência, crescendo como pessoa.»¹¹¹, tal como Deus disse: *Sede fecundos e multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a* (Gn 1,28). E assim surge a família fundada com base no matrimónio:

«Um homem e uma mulher, unidos em matrimônio, formam com os seus filhos uma família. Esta disposição precede todo e qualquer reconhecimento por parte da autoridade pública e impõe-se a ela. Deverá ser considerada como a referência normal, em função da qual serão apreciadas as diversas formas de parentesco. Ao criar o homem e a mulher, Deus instituiu a família humana e dotou-a da sua constituição fundamental» (CIC 2202-2203).

Ao que leva que a realidade humana não pode, nem deve esgotar-se ao ser biológico, à dimensão biológica, o Ser Humano não se encontra completo se não estiver em relação com o outro, revelando a sua dimensão divina – imagem e semelhança de Deus. No princípio Deus, *criou-os homem e mulher* (Gn 1, 27), e por isso, para a fé cristã o fundamento da família é o sacramento do matrimónio, um sinal do amor de Deus ao Ser Humano que leva ao amor entre homem e mulher à unidade e à fecundidade. (Cf. GS 48) A família não pode, não deve, nem está sujeita só ao livre arbítrio humano, ela depende das leis do ser e do fazer-se Homem, aceitando-se tal como é, um Ser terreno, com corpo e alma. (Cf. GS 26).

¹¹⁰ CONGREGAÇÃO PARA EDUCAÇÃO CATÓLICA, *Homem e Mulher os Criou*. p. 12

¹¹¹ COMISSÃO BÍBLICA PONTIFÍCIA - *O que é homem*. n.º 214 (06-01-2021)

2.2. RELEVÂNCIA EDUCATIVA

Dados os tempos modernos que assolam a sociedade atual, tempos de laicidade, tempos em que apenas se valoriza a ciência, se busca unicamente o que é demonstrável e verificável. Tempos onde a sociedade apenas se preocupa com a visão científica da vida e isso, segundo Veiga, é não perceber nada de ciência, porque tal como ele afirma a ciência só existe verdadeiramente tendo em conta as suas limitações, e do que ela própria tem de abdicar para realizar juízos concretos.¹¹² É aqui que a escola pública tem de entrar e ter um papel preponderante, é aqui que ela tem de fazer a diferença e esta diferença só acontecerá através do ensino religioso em inter-relação com os outros saberes, com as outras ciências. O ensino religioso deve transmitir aquilo que é próprio da fenomenologia do religioso não esquecendo a sua componente antropológica e cultural.¹¹³ Ele deve aceder à incontestável factualidade, tendo em conta todas as dimensões que são próprias do Ser humano – um ser que vive numa sociedade que tem uma história, uma cultura e até uma religiosidade, pois mesmo não tendo consciência disso, e recordando o pensamento de Carl Gustav Jung, o Ser Humano é por natureza um ser religioso, que tem dentro de si uma força que o impele para Deus, pois é através do todo que se atinge o concreto. E esse é o papel do ensino escolar religioso, e neste caso o papel de EMRC na escola: ter uma abordagem educativa e cultural do facto religioso, partir dos factos não esquecendo as dimensões que o envolvem, seja a doutrinal, a histórica, a moral, a ritual, a experiencial e a social.¹¹⁴

EMRC, sendo uma disciplina confessional e de carácter facultativo, propõe um sentido para a vida mostrando e respeitando os valores das outras culturas, naturalmente o saber das outras religiões, pois,

«não é possível compreender profundamente os valores de uma cultura sem referência às religiões que inspiraram esses valores, ao longo da história. Todas as culturas (mais ou menos secularizadas) têm raízes religiosas. Há uma cultura íntima entre os hábitos culturais e as religiões»¹¹⁵.

¹¹²Cf. VEIGA, Alexandre Brandão da - Facto religioso e cultura religiosa. In http://www.jornaldenegocios.pt/opiniao/detalhe/facto_religioso_e_cultura_religiosa (22-12-2017)

¹¹³ Cf. PINHO, Arnaldo Cardoso de – “O facto religioso, um projeto de educação da escola pública em França. O projeto e educação religiosa em Espanha.” António José da Rocha Couto. *Humanística e Teologia*. Porto: Faculdade de Teologia. Vol. N.º 26 (2005) p. 372.

¹¹⁴ Cf. MOREIRA, Carlos Manuel Meneses - *Educação, cultura e cristianismo: a pertinência cultural do ensino escolar da religião*. Porto: UCP, Faculdade de Teologia, 2006. 146 f. Prova de Mestrado, p. 126

¹¹⁵ ESTANQUEIRO, António «O contributo da Educação Moral e Religiosa para a formação integral» in *Ensino Religioso Escolar* 3 (2001) p. 127.

Neste sentido, o Estado Português e a Santa Sé celebraram em 2004 ,tendo em conta o artigo 41.º da Constituição da República Portuguesa¹¹⁶, a Concordata, onde entre outros artigos afirmam no 19.º artigo, garantir as condições necessárias para o funcionamento do ensino da religião e moral católicas nos estabelecimentos de ensino público.¹¹⁷ Por forma, a que todos, sem distinção, tenham uma educação integral através do pleno e correto «desenvolvimento da personalidade, da formação do carácter e da cidadania, preparando-o para uma reflexão consciente sobre os valores espirituais, estéticos, morais e cívicos e proporcionando-lhe um equilibrado desenvolvimento físico»¹¹⁸, tal como refere a LBSE.

Pretende-se assim que o aluno, com a ajuda da disciplina de EMRC, não só aprenda a conhecer, mas também a ser, a fazer e a viver em relação com o outro, «o que se pretende é, a partir da visão e da fé católica, ajudar o aluno a colocar com profundidade a questão religiosa, abrindo-se ao sentido radical da sua existência e preparando-se para uma opção responsável ao nível do projeto de vida»¹¹⁹. Que exista no desenvolvimento do aluno uma concomitante harmonia entre o saber e o ser.

Torna-se de especial pertinência educativa o estudo da UL3 – “A Família, Comunidade de Amor”, uma vez que a educação integral do aluno se inicia na família. É na família, que o Ser Humano se faz pessoa, é através dos olhos da família que este “entra” no mundo e aprende a valorizá-lo, a viver nele, a viver em relação. Porém, tem-se consciência que nem todas as famílias são perfeitas e ideais, nem todas são a célula base, o alicerce do Ser Humano. É necessário pois que os alunos se confrontem com todas as realidades familiares, não só com as realidades atuais e que muitos deles vivenciam, mas também com a perspetiva cristã para a família. Que percebam através de informações, reflexões e experiências qual ou quais os ideais a seguir e a alcançar, qual a sua identidade. Como querem de um modo responsável traçar o seu caminho, o seu projeto de vida, quais as suas aspirações, os seus desejos para o futuro. Perceber através de valores éticos e morais como será possível viver em família, num mundo cheio de egoísmo e violências, ajudar a ter consciência da sua humanidade e que só no amor verdadeiro, no amor gratuito ao outro isto

¹¹⁶ Cf. CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA PORTUGUESA, in DR, 10 de abril de 1976.

¹¹⁷ Cf. ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA, Artigo 19º da Resolução da Assembleia da República 74/2004 de 16 de novembro in DR, Série I - A, N.º 269, 16 de novembro de 2004.

¹¹⁸ ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA, alínea b) do artigo 3º da Lei 46/86, de 14 de outubro – Lei de Bases do Sistema Educativo, in Diário da República, Série I, N.º 237, 14 de outubro de 1986.

¹¹⁹ AMBROSIO, Juan Francisco, «A confessionalidade do Ensino Religioso Escolar», in *Ensino Religioso Escolar 1* (1997) p. 98.

pode acontecer. O Ser Humano só conhece experimentando e experimentando com o outro, com o que lhe é próximo – a Família – alicerce do Ser Humano.

2.3. REFLEXÃO CRÍTICA SOBRE A GESTÃO DO CURRÍCULO

Como já explanado a disciplina de EMRC é uma disciplina confessional numa escola laica, que tem como grande finalidade a formação integral do aluno com vista a que este no futuro, como cidadão livre que é, seja capaz de construir criticamente um projeto pessoal de vida.¹²⁰ Como qualquer outra disciplina em contexto escolar, rege-se por uma proposta curricular que tem em conta o programa curricular de EMRC, entre outros existentes no contexto escolar, um programa revisto e reorganizado pelo SNEC no ano de 2014 com intuito de contemplar a articulação entre metas, objetivos e conteúdos a adquirir pelos alunos a curto, médio e longo prazo.

Neste sentido, e como elencado no capítulo I, a gestão do currículo teve em conta a articulação proposta para UL3 “A Família, Comunidade de Amor”, do 5.º ano de escolaridade do PEMRC¹²¹. Da sua análise e implementação em sala de aula concluiu-se que cada um dos elementos propostos (metas, objetivos e conteúdos) ficam um pouco aquém do solicitado para um programa de uma disciplina que deve conter um conjunto de aprendizagens essenciais que definem o perfil do aluno à saída da escolaridade obrigatória¹²², constatou-se que o PEMRC como a maioria dos programas curriculares continuam a ser «extensos, prolixos nos conteúdos e descoordenados vertical e horizontalmente»¹²³. Verificou-se também que alguns dos objetivos e dos conteúdos poderão ter uma visão catequético-pastoral, estando de algum modo desenquadrados da escola¹²⁴,

¹²⁰ Cf. CEP, Programa de Educação Moral e Religiosa Católica. p. 5

¹²¹ Cf. CEP, Programa de Educação Moral e Religiosa Católica, pp. 58 - 59

¹²² Cf. Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória, despacho n.º 6478/2017, in DR n.º 143/2017, Série II de 2017-07-26

¹²³ PACHECO, José Augusto. - *Currículo, investigação e mudança*. In Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação - A educação em Portugal (1986-2006): alguns contributos de investigação. Lisboa: CNE, 2007. p. 75

¹²⁴ Cf. Guimarães, F. Roldão, M.C. (2019). Programa de EMRC - seu método: o olhar de Pedro D'orey da Cunha. In I. Cabral, J. Machado, C. Palmeirão, I. Baptista, J. Azevedo, J.M. Alves, M.C. Roldão (orgs.) - Educação, territórios e desenvolvimento humano: atas do III seminário internacional, Porto, Portugal, 18-19 julho, 2019. Porto: Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Educação e Psicologia, Centro de Estudos em Desenvolvimento Humano. p. 468

uma vez que a catequese e EMRC apesar de complementares são distintas. À EMRC compete a transmissão da cultura e não da fé, que deverá ficar ao cuidado da catequese.¹²⁵

2.3.1. As Metas, os Objetivos e os Conteúdos

Dadas as circunstâncias vividas ao longo do ano letivo 2017/2018 em que se realizou a PES, e que condicionaram de certo modo a gestão curricular, tomaram-se decisões necessárias que inicialmente suscitaram alguma estranheza mas que *à posteriori* se revelaram interessantes e desafiadoras. Entretanto, depois do aprofundamento teórico das temáticas, nomeadamente da UL em estudo neste relatório, verificou-se que o PEMRC apresenta objetivos e conteúdos no âmbito da educação da fé, o que contradiz a LBSE que diz que a disciplina de EMRC incentiva «a formação de cidadãos livres, responsáveis, autónomos e solidários»¹²⁶ Concretamente na UL3 “A Família, Comunidade de Amor”, podemos destacar que da interpretação do segundo objetivo - *Identificar o projeto de Deus para a família*, se pressupõe que o aluno só conheça um projeto de vida para a família, o da visão cristã, de Deus. Não se estará deste modo a criar condições de desigualdades, de exclusão ou até discriminação de alunos? A disciplina de EMRC é para todos, apesar de ter como finalidade a transmissão de valores constitutivos da moral cristã¹²⁷, e por isso é necessário reter que também existem, em contexto de aula de EMRC, alunos de outras confissões religiosas e alunos não crentes, não se podendo solicitar atitudes cristãs como ponto de partida, nem nada que provenha da fé, porque eles não são catequizandos. É papel do professor garantir de modo consciente e informado as melhores decisões pedagógicas ou até mesmo didáticas que promovam o respeito pelos direitos à liberdade de religião e de credo de todos, de modo imparcial, equilibrado, inclusivo.¹²⁸

¹²⁵ Cf. Congregação para o Clero (1998). Diretório Geral para Catequese, n.º 73-75. In http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cclergy/documents/rc_con_ccatheduc_doc_17041998_directory-for-catechesis_po.html (17-12-2019)

¹²⁶ ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA, Lei 46/86, de 14 de outubro – Lei de Bases do Sistema Educativo in DR, Série I, N.º 237, 14 de outubro de 1986. Artigo nº2, 4

¹²⁷ Cf. CEP, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*. p. 5

¹²⁸ Cf. Guimarães, F. Roldão, M.C. (2019). Programa de EMRC - seu método: o olhar de Pedro D'orey da Cunha. In I. Cabral, J. Machado, C. Palmeirão, I. Baptista, J. Azevedo, J.M. Alves, M.C. Roldão (orgs.) - *Educação, territórios e desenvolvimento humano: atas do III seminário internacional, Porto, Portugal, 18-19 julho, 2019*. Porto: Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Educação e Psicologia, Centro de Estudos em Desenvolvimento Humano. p. 469

Considerou-se também que existe um desajuste entre o PEMRC e a realidade das famílias atuais, julgou-se, portanto, necessário abordar a questão das tipologias de família, uma vez que a sociedade atual admite uma variedade de tipologias de famílias. Haverá com certeza alunos com diferentes tipologias e constituições, por isso o importante será, fugindo ao proselitismo, refletir acerca da ‘família ideal’ num contexto das várias realidades familiares que por vezes são esquecidas e desvalorizadas.

Ressalva-se ainda a valorização que o PEMRC dá ao conteúdo: *O lugar dos mais velhos no ambiente familiar*, julgando-se o enquadramento do mesmo desnecessário, uma vez que todos sem distinção fazem parte da família e todos são importantes, tendo um lugar especial, neste sentido o PEMRC deveria dar ênfase à importância não só dos mais velhos, mas a todas as gerações que existem no seio da família.

2.3.2. As Propostas Bíblicas

EMRC como disciplina confessional, terá de realizar uma visão do mundo com uma perspectiva cristã, sendo que esta é fundamentada na leitura e análise de textos bíblicos contemplados em todas as unidades letivas do programa, posição que os autores do mesmo destacam de extrema relevância para a leção da disciplina¹²⁹. Facto que se considera importante dado que a Bíblia é património universal e por isso deve ser tida como referência. Restou-nos em contexto de sala de aula utilizar os textos bíblicos de modo a levar o aluno à leitura, compreensão e interpretação do tema que se pretendia. Uma leitura em profundidade mas que nem sempre é fácil, pois o texto bíblico foi escrito há muito tempo, com outro espírito e num contexto bem diferente daquele que se vive no presente, «a distância temporal e geográfica já exige então uma re-tradução, uma interpretação»¹³⁰, uma interpretação contextualizada, onde ler não é suficiente, é preciso, como elucida Alonso Schökel citado por José Carvalho, «saber ler, pois para lá dos tempos, os próprios géneros literários dos textos bíblicos e dos textos literários impõem o respeito do respectivo ambiente e finalidade»¹³¹.

¹²⁹ CEP, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, p. 157

¹³⁰ CARVALHO, José Carlos, “, *Didaskália* 34 (2004) p. 38.

¹³¹ CARVALHO, José Carlos, “A interpretação e os sentidos da Sagrada Escritura/O contributo de Paul Ricoeur” p. 38

Os textos Bíblicos propostos pela PEMRC são então uma mais-valia nas aulas de EMRC, ainda que algumas das perícopes sugeridas não se enquadrem no tema em estudo.

Tendo em conta UL que se escolheu trabalhar “A Família, Comunidade de Amor”, deparámo-nos com apenas duas sugestões de perícopes a trabalhar em profundidade ao longo da unidade, designadamente Ef 4,25.29.31-32; 5,1s e Pr 17,1. Pretendeu-se que os alunos ao analisar essas perícopes identificassem o projeto de Deus para a Família, de modo a atingir a meta curricular correspondente, p: identificar o fundamento religioso da moral cristã que se encontra no domínio da Ética e da Moral¹³². Ressalva-se que as perícopes são propostas como conteúdos a desenvolver, porém elas na realidade são meros recursos que servem para aprofundar o projeto de Deus para a Família na mensagem bíblica, particularmente a vivência dos valores da verdade, da bondade, do perdão e despertar para a consciência do ser em relação à consciência do ter. E surgem assim as questões, será que estas perícopes abordam o verdadeiro sentido do projeto de Deus para a família? Será que são os textos bíblicos mais adequados para falar do projeto de Deus para a família a crianças do 5.º ano de escolaridade?

A Bíblia contempla uma infinidade de textos e ensinamentos sobre vários temas, e o tema da família não é exceção, a família é abordada quer em livros do AT quer em livros do NT, resta saber, de modo criterioso e fundamentado, aquele que se adequa ao verdadeiro sentido do projeto de Deus para a Família, precisamente “A Família, Comunidade de Amor”.

2.3.2.1. Comentário dos Textos

Dos dois textos bíblicos sugeridos pelo programa apenas um deles foi estudado e aprofundado em sala de aula, Ef 4,25.29.31-32; 5,1s. Julgou-se que a análise e interpretação da perícopa do livro dos Provérbios, Pr 17,1, não se apresentava adequada não só pelo seu tamanho e conteúdo, mas também à faixa etária dos alunos. Porém, de seguida, estudou-se pormenorizadamente cada um deles de modo a fundamentar e consolidar a opinião sobre as decisões tomadas.

¹³² Cf. CEP, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, pp. 58-59

Ef 4,25.29.31-32; 5,1s

4 ²⁵Por isso, despi-vos da mentira e diga cada um a verdade ao seu próximo, pois somos membros uns dos outros. (...) ²⁹Nenhuma palavra desagradável saia da vossa boca, mas apenas a que for boa, que edifique, sempre que necessário, para que seja uma graça para aqueles que a escutam. (...) ³¹Toda a espécie de azedume, raiva, ira, gritaria e injúria desapareça de vós, juntamente com toda a maldade. ³²Sede, antes, bondosos uns para com os outros, compassivos; perdoai-vos mutuamente, como também Deus vos perdoou em Cristo.

5 ¹Sede, pois, imitadores de Deus, como filhos bem amados, ²e procedei com amor, como também Cristo nos amou e se entregou a Deus por nós como oferta e sacrifício de agradável odor.¹³³

A carta aos Efésios, uma carta deutero-paulina escrita entre o ano 70 e 90 d.c. e intimamente ligada à carta aos Colossenses devido às semelhanças existentes entre elas¹³⁴. Apesar de a carta ser dirigida aos Efésios não é claro que os seus destinatários fossem mesmo as comunidades de Éfeso, mas sim as várias Igrejas que pertenciam à sua metrópole, designadamente Colosas, Laodiceia e outras comunidades vizinhas¹³⁵. Uma carta redigida sem um objetivo concreto, mas que remete para os problemas da comunidade local, particularmente, a ameaça do gnosticismo, as pressões judaizantes e a influência das crenças populares.¹³⁶ Uma carta que surgiu com intuito de ser um guia introdutório da mensagem paulina.

Margaret Macdonald¹³⁷ manifesta que para alguns estudiosos a composição da carta e o tom impessoal da sua escrita leva a que esta mais se possa assemelhar a um tratado litúrgico, um sermão, ou até uma homilia do que a uma carta. Atesta ainda que Efésios chama à harmonia cósmica, à unidade da Igreja e à incorporação de todos.

Gabriel Pérez Rodriguez, vai mais longe declara que Efésios fala da Igreja Universal em que Cristo é a cabeça que comunica com todos, desde judeus a gentios unindo – os como

¹³³ URBANO, Elisa; MARTINS, Sérgio; PIRES, Mónica, 2015, p. 73.

¹³⁴ Cf. JEAN-NÖEL, 2001, p. 2

¹³⁵ Cf. Lorenzo Turrado, 1965. p. 560-562

¹³⁶ Cf. JEAN-NÖEL, 2001, p. 15

¹³⁷ Cf. FARMER, William R., 1999. p. 1521-1523

membros do seu corpo.¹³⁸ Lorenzo Turrado¹³⁹ considera que Efésios, assim como Gálatas e Romanos, é um tratado dogmático.

Os vários estudiosos da carta aos Efésios constatam que a sua estrutura tem um carácter Paulino, isto é, a carta além da introdução e conclusão é dividida em duas grandes partes, a primeira parte que se desenvolve à volta do mistério cristão e uma segunda parte de ordem moral sobre exortações éticas¹⁴⁰.

Neste sentido, a perícopre em questão insere-se na segunda parte da carta e apresenta os comportamentos que o cristão deve ter para preservar a unidade da Igreja, da comunidade, isto é, o modo de conduta que o cristão deve ter ao longo da sua vida deixando o homem velho e vivendo como homem novo pra manter a unidade da comunidade.¹⁴¹ Inicialmente nos vv 25, 29 e 31, são enumerados um conjunto de exortações que os cristãos devem deixar de ter, desde a mentira, às palavras más proferidas pelos crentes que não ajudam a edificar aqueles que as ouvem. Porque «os crentes edificam-se uns aos outros em adoração por meio do que se diz, ou se faz no dia-a-dia, conferindo um benefício pessoal»¹⁴². O v 32 deixa o vestuário velho para se vestir de outro mais positivo enumerando um conjunto de virtudes que o homem novo terá de ter, sobrevalorizando a questão do perdão manifestando que os homens devem perdoar-se mutuamente tal como Deus também perdoou. Evocando assim para a imitação de Deus e para a perfeição, *deveis ser perfeitos como o vosso Pai celeste é perfeito* (Mt 5, 48), que só pode ser alcançada se for reflexo da conduta cristã.¹⁴³

Pr 17,1

17¹ Vale mais um bocado de pão seco, com paz, do que uma casa cheia com banquetes e discórdia.¹⁴⁴

¹³⁸ Cf. RODRÍGUEZ, Gabriel Pérez. Carta a los Efesios. *Comentario al Nuevo Testamento*. Ed. GUIJARRO, Santiago, GARCÍA, Miguel Salvador. 3ª ed. Madrid: Atenas: PPC: Sigueme: Verbo Divino, cop. 1995. p. 522.

¹³⁹ Cf. Lorenzo Turrado. 1965, p. 562

¹⁴⁰ Cf. RODRÍGUEZ, Gabriel Pérez, 1995, p. 522

¹⁴¹ Cf. BEST, Ernest, 1998, p. 442

¹⁴² *IBIDEM*, p. 456

¹⁴³ Cf. FARMER, William R., ed. lit, 1999. p. 1533

¹⁴⁴ URBANO, Elisa; MARTINS, Sérgio; PIRES, Mónica, 2015, p. 75

A perícopie em questão é tradução bíblica que o manual apresenta, se a confrontarmos com a Bíblia de Jerusalém constatamos que apresenta algumas diferenças na tradução: É melhor um pedaço de pão seco e a tranquilidade do que uma casa cheia de sacrifícios de discórdia (Pr 17,1).

O livro dos Provérbios, inserido no conjunto dos livros sapienciais, é considerado por Alonso Schökel, o mais representativo de todos. Retrata a sabedoria israelita, concretamente a das sociedades primitivas, por isso é denominado livro da sabedoria popular, constituído por observações, conselhos que ajudam no concreto do dia-a-dia, isto é, ensinam a ciência da vida.¹⁴⁵ Maximiliano Garcia Cordero e Gabriel Perez Rodriguez manifestam até que este é «um manual de conduta que ensina a arte de bem viver»¹⁴⁶.

Agrupado no período pós-exílio, em torno do ano 190 a.C., na época de Ben Sira uma vez que Sir 47,17 alude para Pr 1,6, é composto por 31 capítulos, com várias propostas de divisão dependendo do autor que realiza a exegese e o modo como agrupa os vários provérbios que o constituem. São assim consideradas, cinco, sete, oito ou nove coleções, sendo que a preferida pela maioria dos autores é a divisão em nove coleções, excluindo o prólogo e o epílogo: I – 1,8-9,18; II – 10,1-22,16 (1ª Coleção dos Provérbios de Salomão); III – 22,17-24,22 (Conselhos dos Sábios); IV – 24,23-34 (Conselhos dos sábios); V – 25,1-29,27 (2ª Coleção dos Provérbios de Salomão); VI – 30,1-14 (Provérbios de Agur); VII – 30,15-33 (Provérbios Numéricos); VIII – 31,1-9 (Provérbios de Lemuel) e IX – 31,10-31 (elogio da mulher exemplar).¹⁴⁷ Dada a sua divisão comprova-se, como Víctor Morla Asensio¹⁴⁸ atesta, que autoria da totalidade do livro dos Provérbios não pertence ao rei Salomão, apesar de o prólogo do livro (1,1-7) assim o expor, posição que é fruto da pseudoepígrafe existente na época em que foi redigido.

Do ponto de vista literário estamos perante um livro poético, onde predomina o «provérbio composto por um só verso, com os seus dois hemistíquios em paralelo: antitético, simoníaco ou sintético»¹⁴⁹, com o objetivo de melhor assimilação por parte daqueles que o leem ou ouvem.

¹⁴⁵ Cf. ASENSIO, Vitor Morla. *Proverbios. Comentario al Antiguo Testamento*. 2ª ed. Madrid: Atenas: PPC: Sígueme: Verbo Divino, cop. 1997. pp. 593

¹⁴⁶ GARCIA CORDERO, M., PEREZ RODRIGUEZ, G., 1962, p. 677

¹⁴⁷ Cf. ALONSO SCHÖEL, L.; VILCHEZ LINDEZ, J., p. 100-102

¹⁴⁸ Cf. ASENSIO, Vitor Morla, 1997. p. 595

¹⁴⁹ IBIDEM

Maximiliano Garcia Cordero e Gabriel Perez Rodriguez¹⁵⁰, clarificam que Pr tem uma dimensão religiosa e universalista sendo constituído não só por um conjunto de ensinamentos de ordem dogmática ou moral, mas também de sabedoria humana. Similarmente Gilberto Gorgulho e Ana Flora Anderson defendem que Pr é constituído por um conjunto de cinco temas que abarcam a vida do Homem na totalidade, a plenitude da vida, a influência das mulheres na sociedade, o discernimento para promover uma sociedade mais justa, a violência contrária à vivência do amor e a justiça como categoria básica.¹⁵¹

O provérbio em análise pertence à primeira coleção de provérbios de Salomão, que segundo Alonso Schöel é uma antologia de pequenos provérbios, sendo alguns deles repetidos, convencionais e monótonos.¹⁵² Victor Morla Asensio¹⁵³, Richard Clifford¹⁵⁴ e Roland E. Murphy¹⁵⁵, corroboram com Alonso Schöel expondo que o provérbio em questão repete a ideia de Pr 15,17 e é muito semelhante a Pr 15,16 e 16,8 nas sentenças de tonalidade religiosa.

Destaca-se ainda a posição de Gilberto Gorgulho e Ana Flora Anderson que definem a perícopes como um texto que aborda a questão do «sacrifício religioso no meio da violência social»¹⁵⁶. Verifica-se assim e de acordo com Alonso Schöel, que um banquete familiar pode celebrar a paz doméstica, mas também pode levar ao confronto, à discórdia, remetendo-nos para o ritual de sacrifício de comunhão (Pr 7,14; Nm 10,10; Lv 17,5; Js 22,23; 1Sm 10,8; 2Cor 30,22; 33,16). O nosso autor vai ainda mais longe e termina a sua exegese apontando para a paz e para a concórdia em vez da abundância e da luxúria manifestando que o ideal doméstico é aquele que é apresentado no Sl 128: *Do trabalho de tuas mãos, comerás tranquilo e feliz.*¹⁵⁷

¹⁵⁰ Cf. GARCIA CORDERO, M.; PEREZ RODRIGUEZ, G., p. 677

¹⁵¹ Cf. FARMER, William R., ed. lit, 1999. pp. 787-788

¹⁵² Cf. ALONSO SCHÖEL, L.; VILCHEZ LINDEZ, J., 1984, p. 100

¹⁵³ Cf. ASENSIO, Vitor Morla, 1997. p. 628

¹⁵⁴ Cf. CLIFFORD, Richard J., 1999, p. 164

¹⁵⁵ Cf. MURPHY, Roland E, 1998, p. 128

¹⁵⁶ Cf. FARMER, William R., ed. lit, 1999. p. 797

¹⁵⁷ Cf. ALONSO SCHÖEL, L.; VILCHEZ LINDEZ, J., p. 357

2.3.2.2. Reflexão crítica das perícopes

Iniciando pela primeira perícopa apresentada, a Carta aos Efésios, considerou-se tal como Best¹⁵⁸, que não é um livro de fácil interpretação, porém julgou-se ter conseguido avaliá-la de modo crítico. Uma perícopa, como referido anteriormente, que aborda o modo de conduta do cristão para viver em comunidade. Neste sentido, considerando a Família como parte integrante de uma comunidade, a comunidade cristã, ou até mesmo como a pequena comunidade dentro da Igreja, evidenciou-se que o texto bíblico se pode estudar em contexto de sala de aula como sendo uma perspectiva cristã do projeto de Deus para a Família. Contudo, e mesmo tendo sido implementado em sala de aula a totalidade da perícopa proposta, julgou-se que esta pode criar em alguns alunos uma espécie de desconforto caso estes não se identifiquem totalmente com o Deus dos cristãos. Atualmente se se voltasse a lecionar esta unidade apenas se usaria uma parte da citação bíblica (Ef 4,25.29.31-32), uma vez que o capítulo 5 é uma continuação, um reforço do exposto anteriormente e se refere exclusivamente aos cristãos. Bouttier¹⁵⁹ observa que estes versículos são como uma pequena catequese, e se o objetivo da disciplina é apenas informar a perspectiva cristã, julgou-se não ser apropriada a sua utilização. Sendo que talvez seja suficiente falar dos comportamentos a ter para a unidade universal da família porque, «os vícios e as virtudes enumeradas na perícopa têm um valor intemporal»¹⁶⁰ e podem servir de referência a qualquer Família.

Ressalvou-se ainda o facto de ser um texto apelativo e de fácil compreensão e interpretação por parte dos alunos, no entanto, será necessário realizar uma contextualização de que a família é uma pequena comunidade e por isso tal como a comunidade cristã deve seguir o modo de conduta proposto na citação. Pois só assim os alunos serão capazes de chegar a um conhecimento crítico e construtivo.

Relativamente à segunda perícopa, Pr 17, 1, não usada em sala de aula, por se julgar não se apresentar adequada à faixa etária dos alunos devido à complexidade do texto, o qual se ajuizou não ser de fácil compreensão e conseqüente interpretação por parte dos alunos, para chegar à questão do ser e do ter. Contudo, num primeiro momento ao ler de um modo vago e superficial a perícopa dir-se-ia que ela até se enquadrava no objetivo proposto pelo

¹⁵⁸ Cf. BEST, Ernest, 1998, p. xi-xiv

¹⁵⁹ Cf. BOUTTIER, Michel, 1991, p. 222

¹⁶⁰ FARMER, William R., ed. lit, 1999. p. 1533

programa, numa ótica de mostrar aos alunos que em família é muito mais importante o ser do que o ter.

Após a análise e exegese, verificou-se que as opções de não usar esta perícopes foram as mais corretas. Este texto bíblico apesar de ter uma linguagem «muito apta para ensinar e impressionar as mentes simples do povo hebreu»¹⁶¹ e até dos nossos alunos não se apresenta como adequada para aprofundar o projeto de Deus para a família na mensagem bíblica, uma vez que ela remete para o banquete sacrificial. Ainda que os seus conselhos possam ser atuais é necessário ter um olhar crítico e perceber que utilizar esta perícopes é impor o texto bíblico ao tema em questão, é adulterar a sua mensagem, é colocar no texto aquilo que não está lá.

Destacou-se também o facto de estar perante uma perícopes demasiado pequena, talvez a intenção fosse criar algum impacto nos alunos e ser de fácil aquisição de conhecimentos, no entanto, não deixa ir mais longe, isto é, à vivência da experiência que o texto traz consigo e a narração de uma história seria talvez o melhor caminho a seguir.

Depois desta breve pesquisa, tiraram-se ilações sobre o caminho percorrido e sobre os resultados que se obtiveram para a prática docente de EMRC. A análise em sala de aula de textos religiosos revelar-se-á importante, tendo em conta a análise da perspectiva cristã e a confessionalidade da disciplina. Como professor informado e formado que se procura ser é necessário ir para além do sentido literal do texto e criar nos alunos verdadeiros conhecimentos, apesar de não se verificar uma tarefa fácil nos dias que correm, dada a sociedade não se preocupar com o sentido religioso da vida. Tem-se ainda consciência que é preciso criar diferentes técnicas de análise para os alunos serem capazes de interpretar criticamente, os textos bíblicos nunca esquecendo que tudo deve ser apresentado em sala de aula «como se Deus não existisse»¹⁶². Uma vez que esses textos na maioria das vezes se apresentam como regras e soluções que orientam para a vivência do dia-a-dia, quer de cristãos ou não cristãos, pessoas crentes e não crentes, e é analisando os textos bíblicos que o aluno passa também a conhecer a mundividência Católica, «O Deus da Bíblia não revela antes de tudo um código, mas “a si mesmo” no seu mistério e “o mistério da sua vontade”»¹⁶³. Dado o que foi exposto e considerando a infinidade de textos bíblicos que falam sobre a Família, fica a questão se é mesmo necessário utilizar um dos textos bíblicos

¹⁶¹ GARCIA CORDERO, M.; PEREZ RODRIGUEZ, G., p. 676

¹⁶² GROTIUS, Hugo, *O direito da guerra e da paz*. Ijuí - Rio Grande do Sul: Editora Unijuí., 1999.

¹⁶³ PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, 2008

canónicos para falar da Família como projeto de Deus. Poder-se-á abordar a perspetiva cristã da família com a questão da origem cristã da Família (Gn 2,18-24), ou mostrar a história da família de Tobias (Tob 8,1-9), ou quem sabe seja suficiente falar da Família de Nazaré como modelo de Família. Poder-se-á mesmo falar de documentos da Tradição ou apresentar a visão da Igreja para a Família proposta por um documento conciliar, designadamente a exortação apostólica *Familiaris Consortio*, ou exortação apostólica pós-sinodal *Amoris Laetitia*, ou até mesmo apresentar outro texto que seja mais adequado ao contexto sociocultural da escola e dos alunos. Tudo dependerá do objetivo que se queira atingir com os alunos, com o grupo-turma, tentando que aquando a lecionação em contexto de aula não se apresente o seu carácter catequético, mas com chaves de leitura cristã, como proposta de caminho em confronto dialogal, nivelado, com outras propostas. De ressaltar que qualquer texto que se proponha trabalhar em sala de aula, nomeadamente as perícopes sugeridas atrás, terá de ser submetido a um trabalho de aprofundamento, investigação rigorosa e completa, um trabalho não só de análise exegética, mas também no âmbito pedagógico-didático, estudo esse que não se realizou porque não se enquadrava no âmbito deste relatório.

2.4. PROPOSTA DE REFORMULAÇÃO DA UL – A FAMÍLIA, COMUNIDADE DE AMOR

Face ao estudo exposto e realizado ao longo deste relatório existiu a necessidade de uma proposta de reformulação dos elementos que compõem o programa e que se ilustram no quadro seguinte. Estes tiveram em conta a metodologia da disciplina, o método existencial hermenêutico que se organiza em torno de uma pedagogia cooperativa professor/aluno desenvolvida em três momentos: reflexão e partilha sobre a experiência humana; aprofundamento teórico, com base na Sagrada Escritura, na Tradição cristã e nos dados das ciências; síntese e prática de vida, isto é, valorizar e agir¹⁶⁴, que tem também em conta um trabalho de articulação entre as Metas curriculares convocadas para a lecionação da UL, as Aprendizagens Essenciais do aluno para a disciplina de EMRC, os Objetivos Programáticos da UL em estudo, e conseqüentemente os conteúdos que compõem a UL. Nunca esquecendo também os interesses, as necessidades e as motivações dos alunos e o

¹⁶⁴ Cf. CEP, *Educação Moral e Religiosa Católica. Um valioso contributo para a formação da personalidade* (2006) In www.agencia.ecclesia.pt. (25-09-2017)

meio em que estes se inserem. A empresa é levar a que o estudo do tema da “Família, Comunidade de Amor” chegue a todos e a cada um em particular percebendo a importância da Família, como alicerce do Ser Humano.

PROPOSTA PROGRAMÁTICA PARA A UL 3: A FAMÍLIA, COMUNIDADE DE AMOR

Metas Curriculares

Identificar o fundamento religioso da moral cristã para a família atual.
Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano da família
Estabelecer um diálogo nivelado entre a cultura e a fé.
Promover o bem comum e o cuidado do outro.

Aprendizagens essenciais

Identificar as funções da família. Reconhecer a família como projeto de vida. Interpretar o projeto cristão para a família. Assumir valores e gestos do amor na vida familiar.

Objetivos

Conteúdos

1. Descobrir as várias tipologias de famílias, para perceber que, independentemente da tipologia, toda a família é basilar na construção do indivíduo.

Tipologias de famílias:

Nuclear ou alargada, monogâmica ou poligâmica de cariz matrilinear ou patrilinear, formadas por consentimento livre ou por contrato entre as partes, reconstruídas...

2. Identificar o papel primordial da família: sobrevivência da espécie.

A família:

- Origem da vida humana (nascimento);
- Sobrevivência;
- Segurança;
- Relacionalidade
- A primeira microsociedade do Ser Humano.

3. Reconhecer as funções da família e o papel de cada um em particular para o próprio equilíbrio.

Funções da família:

- Socialização (educação das relações / relação de pertença);
- Afeição (educação dos afetos);
- Educação (educação de valores);
- Proteção;
- Segurança;

Funções dos diferentes membros da família:

- Participação /colaboração/ cooperação;
- Enterajuda / interajuda;
- Procura do bem comum;
- Responsabilidades;
- Divisão de tarefas.

4. Definir os vários conceitos que “família” encerra.

Conceito de família:

- Etimológico (origem latina – “famulus”);
- Biológico (origem na consanguinidade);
- Sociológico (origem na consanguinidade, afinidade, adoção);
- Cristão (origem no matrimónio aliança conjugal, parental, filial e fraternal).

5. Valorizar o contributo do cristianismo para a importância do papel da família na atualidade.

Perspetiva cristã para a família:

- A família fraternal;
- O lugar de desenvolvimento da pessoa em todas as suas dimensões (intelectual, afetivo, emotivo, relacional, moral e religiosa) com vista à Felicidade.

6. Apreciar o Amor como valor fundamental e raiz de todos os outros valores no quotidiano da vida familiar.

O Amor:

- Raiz do respeito, da união, do acolhimento, da disponibilidade, da gratuidade...;
 - Raiz dos valores que ajudam à participação e cooperação de todos em situações do quotidiano;
 - Valor fundamental no quotidiano da vida familiar.
-

SÍNTESE

A instituição familiar continua, atualmente, em crise devido aos vários contextos que viveu, vive, e viverá, porém, «o desejo de Família permanece vivo nas jovens gerações»¹⁶⁵. Ser família, fazer-se família, ter família, gerar família, tentar ser verdadeiramente família, a família perfeita é o anseio de todo o Ser Humano. Todavia não nos podemos esquecer que as famílias têm problemas, que não são perfeitas, que crescem numa sociedade em mudança que procura a felicidade nas oportunidades que daí surgem, e sempre assim foi ao longo dos séculos. A Bíblia apresenta-nos factos em que existe adultério e infidelidade na família, sendo muito realista e honesta¹⁶⁶. Até mesmo alguns contos infantis que marcam a nossa infância nos retratam isso mesmo, histórias de famílias que não são perfeitas (por exemplo a bela adormecida, o polegarzinho, a gata borralheira entre outras), pois encontram-se numa busca constante da felicidade e retratam as famílias que compõem a sociedade. Neste sentido, podemos afirmar que a Igreja apresenta uma “narração utópica” da família, para os tempos que vivemos, um ideal familiar onde se deve privilegiar a comunhão e a participação de todos, que só é possível porque a família é «a comunidade humana, normalmente fundada sobre os laços de sangue, cujos membros sentem que têm uma intimidade própria, unidos uns aos outros por um vínculo de fidelidade, animados pelo mesmo espírito e procurando um destino comum no qual sabem que são solidários»¹⁶⁷. Sendo estes os ideais que a Igreja convida a seguir para alcançar a família perfeita, ela encontra-se consciente do quão distante se encontra da realidade atual. A sociedade está perante um horizonte diversificado de famílias, onde a família conjugal e fundada no matrimónio não é a mais comum à maioria

¹⁶⁵ Cf. III Assembleia Geral Extraordinária do Sínodo dos Bispos “Relatio Synodi - Os desafios pastorais sobre a família no contexto da Evangelização”. (18 de outubro de 2014), §2. In http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20141018_relatio-synodi-familia_po.html (22-12-2019)

¹⁶⁶ KASPER, Walter, 1933 - *O Evangelho da família*. Prior Velho: Paulinas, cop. 2014. p. 21

¹⁶⁷ Cf. AVOY, Joseph Mac. *Famille. DSP*. dir. Marcel Villier.[et al]. Paris: Beauchesne, 1964 - vol. V p. 61

das famílias e a resposta da Igreja não pode ser a mesma para todos os contextos familiares. (cf. AL 300) Porém, se o ser humano quiser seguir os ideais cristãos é na própria família que aprenderá «a dar e a receber o amor»¹⁶⁸, o amor que se modela, como o barro nas mãos do oleiro, e se adequa ao dia a dia de cada família transformando as trevas em luz, porque «todos somos uma complexa combinação de luzes e sombras» (AL 113) e o amor este nasce, renasce e cresce a cada dia entre luzes e sombras,¹⁶⁹ no seio da família.

¹⁶⁸ BENTO XVI, PAPA, Palavras do Santo Padre durante a Vigília de Oração no V Encontro Mundial das Famílias. Valência: Cidade das Artes e das Ciências (8 de julho de 2006). In http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2006/july/documents/hf_ben-xvi_spe_20060708_incontro-festivo.html (15-02-2020)

¹⁶⁹ Cf. FRANCISCO, PAPA, Discurso na Festa das Famílias. Filadélfia (26 de setembro de 2015). In http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/september/documents/papa-francesco_20150926_usa-festa-famiglie.html

BALANÇO FINAL

«Todo o ser, porque é imperfeito, é passível de mudança, de progresso e de aperfeiçoamento»¹⁷⁰

A mudança, o progresso e o aperfeiçoamento foram objetivos que nos propusemos concretizar nesta viagem que realizámos no decorrer da PES. A nossa experiência enquanto professores de EMRC era reduzida e muito baseada no senso comum. Inicialmente, existiu alguma relutância em assumir o desafio lançado pela orientadora cooperante: a lecionação da disciplina, logo a partir da primeira aula com a turma que nos foi atribuída. Esta relutância existente devia-se, pois, à extrema importância que para nós tinha, num primeiro momento, perceber como um professor experiente de EMRC orienta, coordena e desenvolve as suas aulas. Isto é, havia necessidade de ver para aprender e compreender o que realmente se pretendia para este ano da PES. Porém, como os desafios são para se agarrar e superar, decidimos que esse teria de ser o caminho e teríamos de iniciar a prática letiva o quanto antes, para poder ir mais longe, aperfeiçoar as nossas práticas e ser profissionais do ensino. «Ensinar não apenas porque sabe, mas porque sabe ensinar. E saber ensinar é ser especialista dessa complexa capacidade de mediar e transformar o saber.»¹⁷¹

Deste modo, fomos percorrendo o nosso caminho elaborando e reelaborando planificações, fazendo ajustes e reajustes, tentando ser rigorosos e procurando diversificar estratégias e materiais, para nos tornarmos aquilo que um professor de EMRC deve ser: um profissional com rigor científico e pedagógico-didático, mas também consciente da sua missão de despertar a consciência para o contributo que o Cristianismo teve na conquista dos valores fundamentais a uma boa formação integral do indivíduo e no desenvolvimento do contexto cultural em que vivemos.

No que respeita à competência científica e curricular, verificámos que no início da PES existiam algumas lacunas. Desde como elaborar uma planificação formal e pormenorizada à estruturação dos conteúdos. Foi preciso distinguir o essencial do acessório, o intencional e o sem propósito. Revelou-se uma tarefa de difícil execução. O mesmo

¹⁷⁰ KORTHAGEN, Fred A.J. A prática, a teoria e a pessoa na aprendizagem profissional ao longo da vida. In: FLORES, Maria Assunção; VEIGA SIMÃO, Ana M. (Orgs.). *Aprendizagem e desenvolvimento profissional de professores: contextos e perspectivas*. Mangualde: Edições Pedagogo, 2009. p. 39.

¹⁷¹ ROLDÃO, Maria do Céu, Função docente: natureza e construção do conhecimento profissional. p.101

aconteceu quando foi necessário um discurso teológico-moral e, até mesmo, na concretização da planificação na totalidade. Os quarenta e cinco minutos eram quase sempre “curtos” para tudo que tínhamos proposto na planificação. Foi uma luta contra o tempo a favor da planificação, que foi sendo ultrapassada com o decorrer da PES. Todo o conhecimento adquirido neste ano de estágio, quer em contexto académico, quer na escola cooperante, foi sendo mobilizado e tornou-se uma mais valia para que as limitações fossem deixando de existir ou, pelo menos, ficando mais ténues. Tornámo-nos mais criteriosos, objetivos e reflexivos, melhorando também a nossa capacidade de escrita e de espírito crítico face ao PEMRC proposto para o 5.º ano.

Fazendo uma retrospectiva da PES, concretamente da lecionação da UL3 - “A Família, Comunidade de Amor”, conclui-se que esta se baseou muito naquilo que o PEMRC propõe, o que foi condicionado ainda pelo recurso sistemático ao livro do aluno como complemento das atividades. Dever-se ia ter ido mais longe e não usar o livro como manual, usá-lo apenas como recurso. Ao longo da lecionação foi-se tomando consciência de que o currículo prescrito para a lecionação da UL não é inclusivo, não chega a todos os alunos, e como visto anteriormente, a disciplina de EMRC tem de abarcar todos os alunos crentes, não crentes ou crentes noutra religião que não a católica cristã. É importante reconhecer também que o número de aulas para a lecionação da UL é reduzido, assim como o tempo dado à disciplina pelo horário escolar. Seis aulas para a lecionação de um tema tão complexo como a Família, numa idade em que ainda se valoriza muito a partilha das experiências e onde tem que haver espaço para todos participarem através das suas experiências, o itinerário pedagógico tem de ser adequado e muito focado para propiciar aprendizagens significativas. Tomámos ainda consciência do quanto é importante no processo de ensino-aprendizagem recorrer ao método existencial e hermenêutico, aprofundar teoricamente partindo das suas experiências. Desta forma os alunos tiveram oportunidade de refletir, para tomarem as suas decisões e emitirem as suas opiniões fundamentadas.

O conhecimento científico adquirido com aprofundamento teórico, realizado ao longo deste relatório, ajudou-nos a discernir aquilo que é realmente importante que os alunos desta faixa etária aprendam: a família, corresponda ela a que tipo for, é o lugar onde se vivem os valores fundamentais à formação humana, nomeadamente, o do amor gratuito e desprendido que favorece o caminho para a felicidade. Não esquecendo, que todos têm um papel fundamental nesse caminho, pois são membros da família desde o dia do seu nascimento. Foi este suporte teórico, fundado nas perspetivas antropológica, sociológica,

filo-psicológica e bíblico-teológica, que levou à concretização da proposta de reformulação da unidade apresentada anteriormente no capítulo II¹⁷².

Mesmo com todos os progressos alcançados, aprendizagens desenvolvidas e adquiridas, ao longo deste percurso, cremos que o caminho ainda se avizinha de algum modo estreito, sendo importante continuar a dar passos na formação contínua para que *se faça sempre luz ao fundo do túnel*. A experiência profissional será outro dos fatores que ajudará a sermos cada vez melhores professores de EMRC. Mesmo sendo um ponto forte a nossa competência pedagógico-didática, talvez fruto da experiência enquanto docentes de outra disciplina curricular. Este ano de trabalho revelou-se ainda mais uma oportunidade de desenvolver capacidades pedagógicas, nomeadamente a integração na planificação de uma avaliação formativa sistemática, a utilização de estratégias de ensino diversificadas, atrativas e eficazes, a elaboração de recursos pedagógicos originais de elevado interesse.

Reforçamos a convicção de que a vida não é só feita de sucessos e os insucessos ajudam-nos a valorizar as pequenas batalhas alcançadas e, por isso, é preciso continuar. Esta foi uma experiência que nos fez pensar o nosso modo de lecionar, de não tomar por adquiridos todos os nossos conhecimentos, porque o certo hoje pode não ser o mais correto amanhã. E na prática profissional é importante refletir e reavaliar as práticas para continuar a promover um ensino com rigor pedagógico e científico e de sucesso. Foi um ano em que aprendemos, aprofundámos e crescemos não só como professores, mas também como pessoas e este crescimento só foi possível com ajuda de todos.

Talvez pudéssemos ter ido mais longe, ter diversificado mais os conteúdos, as estratégias, os instrumentos de avaliação, mas estamos conscientes de ter dado o melhor, dado os condicionamentos pessoais que vivemos ao longo do ano. Julgamos que conseguimos fazer aquilo de que mais gostamos com profissionalismo: servir a educação.

E chegámos ao fim da viagem que deveria ser o princípio, pois agora é que a bagagem está cheia de novos conhecimentos nas várias dimensões já referidas e de novas perspetivas, ideias, estratégias. Uma nova viagem se avizinha: a de ser professor de EMRC com o profissionalismo devido, mas também com paixão, pois «Ser professor tem que ser uma paixão, pode ser uma paixão fria, mas tem de ser uma paixão, uma dedicação»¹⁷³. Acomodar e estagnar não é solução, é necessário continuar na busca incessante de aperfeiçoamento a

¹⁷² Cf. Proposta de Reformulação da UL – A Família, Comunidade de Amor pp. 55-57 deste relatório

¹⁷³ GEDEÃO, António, *Biografia in* <http://www.romulodecarvalho.net/content/view/1/2> (28-10-2017)

todos os níveis, de modo a que nas nossas aulas de EMRC se possa motivar, cativar, ensinar e educar os alunos. Fazendo nossas as palavras do Papa Francisco «educar é um gesto de amor, é dar vida. E o amor é exigente, requer que utilizemos os melhores recursos, que despertemos a paixão e que nos coloquemos a caminho com paciência, juntamente com os jovens»¹⁷⁴ e com as famílias, para que as aulas sejam um verdadeiro espaço de diálogo entre a cultura, os saberes e a fé e consigamos levar os alunos à sua formação integral enquanto pessoas!

¹⁷⁴ FRANCISCO, PAPA – *Discurso do Papa Francisco aos participantes na plenária da congregação para a educação católica*. Roma: 13 de fevereiro de 2014. In http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/february/documents/papa-francesco_20140213_congregazione-educazione-cattolica.html (30-09-2017)

BIBLIOGRAFIA

FONTES

A Bíblia de Jerusalém. dir. Tiago Giraudo. Trad. Paulus Editora. La Sainte Bible. Paris: Les Éditions Du Cerf. 1973, ed. revista e aumentada. São Paulo: Sociedade Bíblica Católica Internacional. 1973.

ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA, Estatuto do Aluno, in DR, N.º 172/2012 Série I de 05 de setembro de 2012.

_____, Lei 46/86, de 14 de outubro – Lei de Bases do Sistema Educativo in DR, Série I, N.º 237, 14 de outubro de 1986.

_____, Primeira alteração, por apreciação parlamentar, ao DL N.º 3/2008, de 7 de Janeiro, que define os apoios especializados a prestar na educação pré-escolar e nos ensinos básico e secundário dos sectores público, particular e cooperativo, in DR N.º 91/2008, Série I de 12 de maio de 2008.

_____, Resolução da Assembleia da República 74/2004 de 16 de novembro in DR, Série I - A, N.º 269, 16 de novembro de 2004.

_____, Segunda alteração à LBSE, in DR, Série I, N.º 166 de 30 de agosto de 2005; Lei nº 49/2005.

Bíblia comentada: texto de la Nácar-Colunga. Madrid: La Editorial Católica, 1960 - vol.; (Biblioteca de Autores Cristianos). Vol. 4: Libros Sapienciales / Maximiliano Garcia Cordero, Gabriel Perez Rodriguez. – 1962.

Bíblia comentada: texto de la Nácar-Colunga. Madrid: La Editorial Católica, 1960 - vol.; (Biblioteca de Autores Cristianos). Vol. 6: Hechos de los Apóstoles y Epístolas paulinas / Lorenzo Turrado. - 1965.

BÍBLIA SAGRADA; Difusora Bíblica; Lisboa/Fátima; 4ª edição; 2002.

CEP *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica: finalidades, metas, objectivos e conteúdos*. Lisboa: SNEC, 2014.

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA PORTUGUESA, in Diário da República, 10 de abril de 1976.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA, Apoios especializados a prestar na educação pré-escolar e nos ensinos básico e secundário dos sectores público, particular e cooperativo, DL n.º 3/2008 in DR N.º 4/2008, Série I de 07 de janeiro de 2008.

_____, Aprovação da reorganização curricular do ensino básico, DL n.º 6/2001 in DR n.º 15/2001, Série I-A de 2001-01-18 - Perfil geral de desempenho profissional do educador de infância e do professor dos ensinos básico e secundário, DL N.º 240/2001 de 30 de agosto in DR, Série I –A, N.º 201, 30 de agosto de 2001.

_____, Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória, despacho n.º 6478/2017, in DR N.º 143/2017, Série II de 26 de julho de 2017.

_____, Princípios da organização e da gestão dos currículos, da avaliação dos conhecimentos e capacidades a adquirir e a desenvolver pelos alunos dos ensinos básico e secundário, Anexo III do DL 139/2012 de 5 de julho, in DR N.º 129/2012, Série I de 05 de julho de 2012.

_____, Regime jurídico da lecionação e organização da Disciplina de EMRC, in DR Série I, N.º 99 de 23 de maio de 2013. DL 70/2013.

_____, Revogação de competências e homologação das metas curriculares, DL 139/2012, in DR N.º 129/2012, Série I de 5 de julho de 2012.

_____, Sobre a homologação das metas curriculares das disciplinas de português, matemática, tecnologias da informação e comunicação, educação visual e

educação tecnológica, Despacho 15971/2012 in Diário da República, Série II, N.º 155 de 10 de agosto de 2012.

MINISTÉRIOS DAS FINANÇAS E DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA, Sobre reformulação de metas curriculares, Despacho 5306/2012 de 18 de abril in DR, Série II – N.º 77 de 18 de abril de 2012.

URBANO, Elisa; MARTINS, Sérgio; PIRES, Mónica, *Conta Comigo! Manual do 5.º ano. Educação Moral e Religiosa Católica*. Lisboa: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2015.

ESTUDOS

ALONSO SCHÖEL, L.; VILCHEZ LINDEZ, J. *Proverbios*. Madrid: Crisandad, cop. 1984.

AMBROSIO, Juan Francisco, «A confessionalidade do Ensino Religioso Escolar», in *Ensino Religioso Escolar I* (1997) pp. 95-99.

ARENDS, Richard I. - *Aprender a Ensinar*. Lisboa: McGraw-Hill, D.L. 2001.

AUSUBEL, David P. *Aquisição e retenção de conhecimentos: uma perspectiva cognitiva*. Lisboa: Plátano Edições Técnicas; 2003.

ASENSIO, Vitor Morla. *Proverbios. Comentario al Antiguo Testamento*. 2ª ed. Madrid: Atenas: PPC: Sígueme: Verbo Divino, cop. 1997. pp. 593-630.

AVOY, Joseph Mac., *Famille. DSP*. Paris: Beauchesne, 1964 - vol. V. pp. 61-93.

BEST, Ernest, *A critical and exegetical commentary on Ephesians*. Edinburgh: T & T Clark, cop., 1998.

BOUTTIER, Michel - *L'épître de Saint Paul aux Éphésiens*. Genève: Labor et Fides, cop. 1991.

CARVALHO, José Carlos, “A interpretação e os sentidos da Sagrada Escritura/O contributo de Paul Ricoeur”, *Didaskalia* 34 (2004) pp. 35 – 78.

CLIFFORD, Richard J, *Proverbs: a commentary*. Louisville: Westminster John Knox, cop. 1999. XVI (The Old Testament Library).

CHAPLIN, James P., Família. *Dicionário de psicologia*. Lisboa: DOM QUIXOTE, 1981.

CRAIG, Edward, Família. *Routledge encyclopedia of philosophy*. London: Routledge, 1998. pp. 549-551.

DONATI, P. P., Família. *Diccionario de sociologia*. dir. por Franco Demarchi, Aldo Ellena. Madrid: Paolinas, cop. 1986. pp. 736-750.

ESTANQUEIRO, António, O contributo da Educação Moral e Religiosa para a formação integral. *Ensino Religioso Escolar* 3 (2001) pp. 125-134.

FARMER, William R., ed. Lit, *Comentario bíblico internacional: comentario católico y ecuménico para el siglo XXI*. dir. William R. Farmer...[et al.]. Estella: Verbo Divino, 1999.

GERSTEL, Naomi R., Família. *Dicionário do pensamento social do Século XX*. Rio de Janeiro: Zahar, cop. 1996. pp. 297-300.

GRANELLE, Jean-Jaques, Família. *Dicionário de Sociologia*. Org. Jean Gazeneuve e David Victoroff. Tradução Geminiano Cascais Franco. Lisboa/São Paulo: Verbo. 1982. pp. 300-304.

GROTIUS, Hugo, *O direito da guerra e da paz*. Ijuí - Rio Grande do Sul: Editora Unijuí., 1999.

GUERRA, M. A. S., *Uma seta no alvo: A avaliação como Aprendizagem*. Porto: Edições ASA, 2003.

GUIBERT, B., Família, *Les notions philosophiques: dictionnaire*. dir. Sylvain Auroux. Paris: PUF, cop. 1990. Vol. 1: Philosophie occidentale: A-L. – XXXII. pp. 951-954.

GUIMARÃES, F. ROLDÃO, M.C. (2019), Programa de EMRC - seu método: o olhar de Pedro D'orey da Cunha. In I. Cabral, J. Machado, C. Palmeirão, I. Baptista, J. Azevedo, J.M. Alves, M.C. Roldão (orgs.) - *Educação, territórios e desenvolvimento humano: atas do III seminário internacional, Porto, Portugal, 18-19 julho, 2019*. Porto: Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Educação e Psicologia, Centro de Estudos em Desenvolvimento Humano pp. 447 - 471.

KASPER, Walter, 1933, *O Evangelho da família*. Prior Velho: Paulinas, cop. 2014.

LEANDRO, Maria Engrácia, *Sociologia da família nas sociedades contemporâneas*. Lisboa: Universidade Aberta, 2001.

_____, Transformações da família na história do Ocidente. *Theologica*. 41/1 (2006). pp. 51-74.

LÉVI-STRAUSS, Claude - *A família como instituição*. Porto: RÉS Editora, LDA. 1977.

LOPES, José; SILVA, Helena Santos, CO-AUT. - *50 técnicas de avaliação formativa*. Lisboa: Lidel, cop. 2012.

MOREIRA, Carlos Manuel Meneses - *Educação, cultura e cristianismo: a pertinência cultural do ensino escolar da religião*. Porto: UCP, Faculdade de Teologia, 2006. 146 f.. Prova de Mestrado.

MURPHY, Roland E - *Proverbs*. Nashville: Thomas Nelson, cop. 1998. LXXV, (Word Biblical Commentary; 22).

NUNES, José da Silva – Teologia da Família. In PINTO, Helena Rebelo; SARDICA, José Miguel, dir. - *Família: Essência e multidisciplinariedade*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2016.

PACHECO, José Augusto. - Currículo, investigação e mudança. In Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação - *A educação em Portugal (1986-2006): alguns contributos de investigação*. Lisboa: CNE, 2007. pp. 67 – 136.

JEAN-NÖEL, ed. lit - *Épître aux Éphésiens*. Paris: Gabalda, 2001. VII, (Études Bibliques; 42).

PIAGET, Jean, 1896-1980 - *Seis estudos de psicologia*. (trad.) Nina Constante Pereira. - Alfragide: Texto, 2010.

PINHO, Arnaldo Cardoso de – “O facto religioso, um projeto de educação da escola pública em França. O projeto e educação religiosa em Espanha.” *Humanística e Teologia*. Porto: Faculdade de Teologia. 26 (2005), pp. 365-372.

PINTO, Fernanda de Campos; FONSECA, Luís Eduardo Gauterio - O currículo oculto e sua importância na formação cognitiva e social do aluno. *Projeção e Docência*, 8/1, (2017). pp. 59-66.

RODRÍGUEZ, Gabriel Pérez. Carta a los Efesios. *Comentario al Nuevo Testamento*. Ed. GUIJARRO, Santiago, GARCÍA, Miguel Salvador. 3ª ed. Madrid: Atenas: PPC: Sigueme: Verbo Divino, cop. 1995. pp. 521-535.

ROLDÃO, Maria do Céu - *Gestão curricular: fundamentos e práticas*. Lisboa: Ministério da Educação, 1999.

_____, Função docente: natureza e construção do conhecimento profissional. *Revista Brasileira de Educação* 12/34 (2007) pp. 94 -103.

ROLDÃO, Maria do Céu [et al.] - *Planeamento e concepção da acção de ensinar*. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2010.

SEBASTIANI, L. Família. PACOMIO, Luciano [et al.], *Diccionario Teológico Enciclopédico*, 1995, Verbo Divino S.A. pp. 297-299.

SCHATTOVITS, Helmuth; PERKONIG, Susanne, Família. *Nuevo Diccionario de Moral Cristiana*. dir. de Hans Rotter, Günter Virt. Barcelona: Herder, 1993. pp. 262-268.

SILLAMY, Norbert, Família. *Dictionnaire de la psychologie*. Paris: Larousse, cop. 1965. pp. 118-120.

SOUSA, Joaquim Francisco Saraiva de – A família na época da comunicação de massas: considerações dispersas sobre a família nuclear. *Humanística e Teologia*. 16 (1995). pp. 109-132.

SPRINTHALL, Norman A.; SPRINTHALL, Richard C., co-aut. - *Psicologia educacional: uma abordagem desenvolvimentista*. Lisboa: Mcgraw-Hill, 1994.

VIDAL, Marciano, 1937 - *Moral de Actitudes*. Madrid: PS Editorial, D.L. 1991. Vol. 2.2: Moral del amor y de la sexualidad.

VIEIRA, Domingos Lourenço - A família é um bem para a sociedade. *Brotéria: Cristianismo e Cultura*. 179 (2014). pp.135-154.

WOJTYLA, Karol - *El don del amor: escritos sobre la familia*. Madrid: Palabra, cop. 2000.

WRIGHT, C. J. H. Family. ABD. New York: Doubleday, 1992. Vol. 2: D-G. – XXXV. pp. 761-769.

ZABALZA, Miguel A. - *Qualidade em educação infantil*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

DOCUMENTOS DO MAGISTÉRIO

BENTO XVI, PAPA, Palavras do Santo Padre durante a Vigília de Oração no V Encontro Mundial das Famílias. Valência: Cidade das Artes e das Ciências (8 de julho de 2006). In http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2006/july/documents/hf_ben-xvi_spe_20060708_incontro-festivo.html (15-02-2020).

CEP, *Educação Moral e Religiosa Católica. Um valioso contributo para a formação da personalidade* (2006). In www.agencia.ecclesia.pt (25-09-2017).

_____, *Ser Professor de EMRC*. In <http://www.educris.com/v2/120-perfil/920-ser-professor-de-emrc> (22-09-2017).

COMISSÃO BÍBLICA PONTIFÍCIA, *Bíblia e Moral – Raízes Bíblicas do Agir Cristão*, 2008. In http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/pcb_documents/rc_con_cfaith_doc_20080511_bibbia-e-morale_po.html (18-6-2018).

_____, *O que é homem*. In http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/pcb_documents/rc_con_cfaith_doc_20190930_cosa-e-luomo_it.html (06-01-2021).

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO (1998), *Directório Geral para Catequese*. In http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cclergy/documents/rc_con_ccatheduc_doc_17041998_directory-for-catechesis_po.html (17-12-2019).

CONGREGAÇÃO PARA EDUCAÇÃO CATÓLICA, *Homem e Mulher os Criou*. Cidade do Vaticano: Tipografia Vaticana, 2019.

FRANCISCO, PAPA, Discurso na Festa das Famílias. Filadélfia (26 de setembro de 2015). In http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/september/documents/papa-francesco_20150926_usa-festa-famiglie.html (18-02-2020).

_____, Exortação Apostólica pós-sinodal *Amoris Laetitia*, n. 4 (19 de março de 2016). *AAS* 108 (2016) 311 - 446.

IGREJA CATÓLICA, III Assembleia Geral Extraordinária do Sínodo dos Bispos “Relatio Synodi - Os desafios pastorais sobre a família no contexto da Evangelização”. (18 de outubro de 2014), §2. In http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20141018_relatio-synodi-familia_po.html (22-12-2019).

_____, *Carta dos direitos da Família*. [S.l.]: Salesianas, [198-?].

_____, *Catecismo da Igreja Católica*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, cop. 1993.

_____, Concílio do Vaticano, 2, 1962-1965 - Concílio ecuménico Vaticano II, Documentos Conciliares: Constituições, Decretos, Declarações. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1998.

JOÃO PAULO II, PAPA, Discurso aos participantes no XIV Congresso Internacional do Ensino Católico (OIEC), (5 de março de 1994). In <http://www.vatican.va/content/john->

paul-ii/es/speeches/1994/march/documents/hf_jp-ii_spe_19940305_insegnamento-cattolico.html (16-09-2018).

_____, Exortação Apostólica *Familiaris Consortio*, n. 2 (22 de novembro de 1981). *AAS* 74 (1982) 81-191.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A FAMÍLIA, *Léxico da família: termos ambíguos e controversos sobre família, vida e aspectos éticos*. Cascais: Principia, 2010.

WEBGRAFIA

CA do Agrupamento de Escolas Júlio Dinis, 2013/2016. In <https://aejuliodinis-grijo.pt/> (31-07-2017).

ILGA, Famílias arco – íris. In <https://familias.ilga-portugal.pt/about> (11-01-2020).

Jovens madeirenses dizem que não há modelo de família ideal e destacam que o importante é haver amor, harmonia e afectos. Diário de Notícias Madeira. In <http://www.dnoticias.pt/madeira/jovens-madeirenses-dizem-que-nao-ha-modelo-de-familia-ideal-e-destacam-que-o-importante-e-haver-amor-harmonia-e-afectos-NB1388681> (14-10-2017).

PE do Agrupamento de Escolas Júlio Dinis, 2012/2015. In <https://aejuliodinis-grijo.pt/> (31-07-2017).

REGULAMENTO INTERNO do Agrupamento de Escolas Júlio Dinis. In <https://aejuliodinis-grijo.pt/> (31-07-2017).

VEIGA, Alexandre Brandão da - *Facto religioso e cultura religiosa*. In http://www.jornaldenegocios.pt/opiniao/detalhe/facto_religioso_e_cultura_religiosa (22-12-2017).